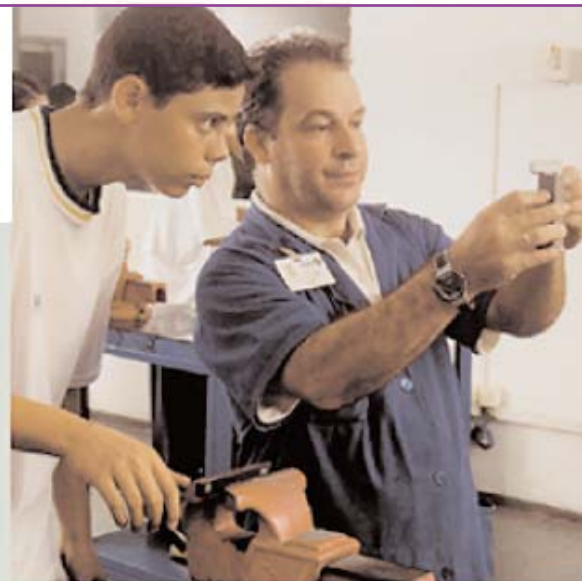


Relacionamento e Trabalho em Equipe



Aprendiz
FORMARE

Coordenação do Programa Formare **Beth Callia**
Coordenação Pedagógica **Zita Porto Pimentel**
Coordenação da Área Técnica – UTFPR **Alfredo Vrubel**

Elaboração **GIPE** Projetos Educativos Ltda.
Av. Imperial, 407 / Ipanema
91760-400 – Porto Alegre, RS
g.i.p.e@terra.com.br

Coordenação Geral **Ana Mariza Ribeiro Filipouski**
Diana Maria Marchi

Produção Gráfica **Marta Castilhos**
Camila Kieling

Fotos **Gustavo Stephan**
Fábio Neuman

Autoria deste caderno **Ana Paula Bellizia**
Suely Pavan

Apoio **MEC** – Ministério da Educação
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
PROEP – Programa de Expansão da Educação Profissional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

BELLIZIA, Ana Paula

Relacionamento / autoria de Ana Paula Bellizia e Suely Pavan ; Projeto Formare. – São Paulo : Fundação Iochpe, 2006.

164p. (Cadernos Formare, 56)

Inclui: Glossário; Bibliografia.
ISBN 85-98169-56-0

1. Ensino Profissional 2. Juventude 3. Cidadania 4. Trabalho 5. Dinâmica de Grupo I. Pavan, Suely II. Projeto Formare III. Título IV. Série

CDD-371.426

Iniciativa

FUNDAÇÃO

IOCHPE

Realização


FORMARE

Fundação IOCHPE

Al. Tietê, 618, casa 3, Cep 01417-020, São Paulo, SP
www.formare.org.br

Sobre o caderno

Você, educador voluntário, sabe que boa parte da performance dos jovens no mundo do trabalho dependerá das aprendizagens adquiridas no espaço de formação do Curso em desenvolvimento em sua empresa no âmbito do Projeto FORMARE.

Por isso, os conhecimentos a serem construídos foram organizados em etapas, investindo na transformação dos jovens estudantes em futuros trabalhadores qualificados para o desempenho profissional.

Antes de esse material estar em suas mãos, houve a definição de uma proposta pedagógica, que traçou um perfil de trabalhador a formar, depois o delineamento de um plano de curso, que construiu uma grade curricular, destacou conteúdos e competências que precisam ser desenvolvidos para viabilizar o alcance dos objetivos estabelecidos e então foram desenhados planos de ensino, com vistas a assegurar a eficácia da formação desejada.

À medida que começar a trabalhar com o Caderno, perceberá que todos os encontros contêm a pressuposição de que você domina o conteúdo e que está recebendo sugestões quanto ao modo de fazer para tornar suas aulas atraentes e produtoras de aprendizagens significativas. O Caderno pretende valorizar seu trabalho voluntário, mas não ignora que o conhecimento será construído a partir das condições do grupo de jovens e de sua disposição para ensinar. Embora cada aula apresente um roteiro e simplifique a sua tarefa, é impossível prescindir de algum planejamento prévio. É importante que as sugestões não sejam vistas como uma camisa de força, mas como possibilidade, entre inúmeras outras que você e os jovens do curso poderão descobrir, de favorecer a prática pedagógica.

O Caderno tem a finalidade de oferecer uma direção em sua caminhada de orientador da construção dos conhecimentos dos jovens, prevendo objetivos, conteúdos e procedimentos das aulas que compõem cada capítulo de estudo. Ele trata também de assuntos aparentemente miúdos, como a apresentação das tarefas, a duração de cada atividade, os materiais que você deverá ter à mão ao adotar a atividade sugerida, as imagens e os textos de apoio que poderá utilizar.

No seu conjunto, propõe um jeito de fazer, mas também poderá apresentar outras possibilidades e caminhos para dar conta das mesmas questões, com vistas a encorajá-lo a buscar alternativas melhor adequadas à natureza da turma.

Como foi pensado a partir do planejamento dos cursos (os objetivos gerais de formação profissional, as competências a serem desenvolvidas) e dos planos de ensino disciplinares (a definição do que vai ser ensinado, em que seqüência e intensidade e os modos de avaliação), o Caderno pretende auxiliá-lo a realizar

um plano de aula coerente com a concepção do Curso, preocupado em investir na formação de futuros trabalhadores habilitados ao exercício profissional.

O Caderno considera a divisão em capítulos apresentada no Plano de Ensino e o tempo de duração da disciplina, bem como a etapa do Curso em que ela está inserida. Com esta idéia do todo, sugere uma possibilidade de divisão do tempo, considerando uma aula de 50 minutos.

Também há avaliações previstas, reunindo capítulos em blocos de conhecimentos e oferecendo oportunidade de síntese do aprendido. É preciso não esquecer, no entanto, que a aprendizagem é avaliada durante o processo, através da observação e do diálogo em sala de aula. A avaliação formal, prevista nos cadernos, permite a descrição quantitativa do desempenho dos jovens e também do educador na medida em que o "erro", muitas vezes, é indício de falhas anteriores que não podem ser ignoradas no processo de ensinar e aprender.

Recomendamos que, ao final de cada aula ministrada, você faça um breve registro reflexivo, anotando o que funcionou e o que precisou ser reformulado, se todos os conteúdos foram desenvolvidos satisfatoriamente ou se foi necessário retomar algum, bem como outras sugestões que possam levar à melhoria da prática de formação profissional e assegurar o desenvolvimento do trabalho com aprendizagens significativas para os jovens. Esta também poderá ser uma oportunidade de você rever sua prática como educador voluntário e, simultaneamente, colaborar para a permanente qualificação dos Cadernos. É um desafio-convite que lhe dirigimos, ao mesmo tempo em que o convidamos a ser co-autor da prática que aí vai sugerida.

Características do caderno

Cada capítulo ou unidade possui algumas partes fundamentais, assim distribuídas:

Página de apresentação do capítulo: apresenta uma síntese do assunto e os objetivos a atingir, destacando o que os jovens devem saber e o que se espera que saibam fazer depois das aulas. Em síntese, focaliza a relevância do assunto dentro da área de conhecimento tratada e apresenta a relação dos saberes, das competências e habilidades que os jovens desenvolverão com o estudo da unidade.

A seguir, as aulas são apresentadas através de um breve resumo dos conhecimentos a serem desenvolvidos em cada aula. Sua intenção é indicar aos educadores o âmbito de aprofundamento da questão, sinalizando conhecimentos prévios e a contextualização necessária para o tratamento das questões da aula. No interior de cada aula aparece a seqüência de atividades, marcadas pela utilização dos ícones que seguem:



Indica, passo a passo, as atividades propostas para o educador. Apresenta as informações básicas, sugerindo uma forma de desenvolvê-las. Esta seção apresenta conceitos relativos ao tema tratado, imagens que têm a finalidade de se constituírem em suporte para as explicações do educador (por esse motivo todas elas aparecem em anexo num cd, para facilitar a impressão em lâmina ou a sua reprodução por recurso multimídia), exemplos das aplicações dos conteúdos, textos de apoio que podem ser multiplicados e entregues aos jovens, sugestões de desenvolvimento do conteúdo e atividades práticas, criadas para o estabelecimento de relações entre os saberes. No passo a passo, aparecem oportunidades de análise de dados, observação e descrição de objetos, classificação, formulação de hipóteses, registro de experiências, produção de relatórios e outras práticas que compõem a atitude científica frente ao conhecimento.



Indica a duração prevista para a realização do estudo e das tarefas de cada passo. É importante que fique claro que esta é uma sugestão ideal, que abstrai quem é o sujeito ministrante da aula e quem são os sujeitos que aprendem, a rigor os que mais interessam nesse processo.

Quando foi definida, só levou em consideração o que era possível no momento: o conteúdo a ser desenvolvido, tendo em vista o número de aulas e o plano de ensino da disciplina. No entanto você, juntamente com os jovens que compõem a sua turma, têm liberdade para alterar o que foi sugerido, adaptar as sugestões para o seu contexto, com as necessidades, interesses, conhecimentos prévios e talentos especiais do seu grupo.



O glossário contém informações e esclarecimentos de conceitos e termos técnicos. Tem a finalidade de simplificar o trabalho de busca do educador e, ao mesmo tempo, incentivá-lo a orientar os jovens para a utilização de vocabulário apropriado referente aos diferentes aspectos da matéria estudada. Aparece ao lado na página em que é utilizado e é retomado ao final do Caderno, em ordem alfabética.



Remete para exercícios que objetivam a fixação dos conteúdos desenvolvidos. Não estão computados no tempo das aulas, e poderão servir como atividade de reforço extraclasse, como revisão de conteúdos ou mesmo como objeto de avaliação de conhecimentos.



Notas que apresentam informações suplementares relativas ao assunto que está sendo apresentado.



Idéias que objetivam motivar e sensibilizar o educador para outras possibilidades de explorar os conteúdos da unidade. Têm a preocupação de sinalizar que, de acordo com o grupo de jovens, outros modos de fazer podem ser alternativas consideradas para o desenvolvimento de um conteúdo.



Traz as idéias-síntese da unidade, que auxiliam na compreensão dos conceitos tratados, bem como informações novas relacionadas ao que se está estudando.

Em síntese, você educador voluntário precisa considerar que há algumas competências que precisam ser construídas durante o processo de ensino-aprendizagem, tais como:

- conhecimento de conceitos e sua utilização;
- análise e interpretação de textos, gráficos, figuras e diagramas;
- transferência e aplicação de conhecimentos;
- articulação estrutura-função;
- interpretação de uma atividade experimental.

Em vista disso, o conteúdo dos Cadernos pretende favorecer:

- conhecimento de propriedades e de relações entre conceitos;
- aplicação do conhecimento dos conceitos e das relações entre eles;
- produção e demonstração de raciocínios demonstrativos;
- análise de gráficos;
- resolução de problemas;
- identificação de dados e de evidências relativas a uma atividade experimental;
- conhecimento de propriedades e relações entre conceitos em uma situação nova.

Como você já deve ter concluído, o Caderno é uma espécie de obra aberta, pois está sempre em condições de absorver sugestões, outros modos de fazer, articulando os educadores voluntários do Projeto FORMARE em uma rede que consolida a tecnologia educativa que o Projeto constitui. Desejamos que você possa utilizá-lo da melhor forma possível e que tenha a oportunidade de refletir criticamente sobre eles, registrando sua colaboração e interagindo com os jovens de seu grupo a fim de investirmos todos em uma educação mais efetiva e na formação de profissionais mais competentes e atualizados para os desafios do mundo contemporâneo.

GIPE – Gestão e Inovação em Projetos Educativos

Em mim
Eu vejo o outro e outro
E outro
Enfim dezenas
Trens passando
Vagões cheios de gente
Centenas

O outro
Que há em mim
É você
E você
E você

Assim como
Eu estou em você
Eu estou nele
Em nós
E só quando
Estamos em nós
Estamos em paz
Mesmo que estejamos sós

Paulo Leminski

Introdução

FORMARE: uma escola para a vida. O desafio é transformar este título em uma realidade concreta, refletida na mudança de vida de cada jovem participante.

Na proposta curricular, a disciplina *Relacionamento* é um espaço privilegiado para a reflexão sobre o que significa "uma escola para a vida", pois é um momento que destaca questões das relações humanas e as coloca no centro do debate.

Não é o único momento em que isso é feito no grupo – o que constitui um grande diferencial do FORMARE – mas é oportunidade de instrumentalizar os jovens para vivenciar o cotidiano do mundo do trabalho e refletir sobre esta vivência. As aulas de *Relacionamento*, assim como as das demais disciplinas, não se restringem a um conteúdo programático que prepara apenas para o futuro, mas traz para a sala de aula, para o aqui e agora, questões que mobilizam para a ação imediata e que também irão constituir esse futuro. Para isso, faz uma ponte entre o conteúdo das disciplinas e o cotidiano do aluno, aumentando o interesse pela aprendizagem, um dos pilares da proposta pedagógica do FORMARE.

Nosso maior desafio é introduzir o jovem em um contexto novo e extremamente desconhecido: o ambiente de trabalho de uma empresa. Tanto para o aprendiz, como para qualquer funcionário, a compreensão e o respeito às formas de convivência do ambiente empresarial são fundamentais. Se antes os espaços de socialização eram a escola, a rua, a praça e a própria casa, a partir de agora uma grande parte do seu dia se passará na empresa.

É tarefa do educador de *Relacionamento* introduzir os jovens nas diferentes formas de interação propostas pelo mundo do trabalho. A esta disciplina compete mostrar como as relações acontecem neste espaço, que também é capaz de acolher suas expectativas, sonhos e preocupações. Para melhor contextualizar a experiência nova que estão vivenciando, é preciso que conheçam aspectos relativos ao mercado de trabalho atual e as tendências para o futuro. A partir disso, os jovens poderão desenvolver competências e habilidades indispensáveis para tornarem-se profissionais preparados para um cenário de mutações constantes que determinarão o traçado de uma carreira profissional nos próximos anos.

Objetivos

- Proporcionar condições para que os jovens explorem seus potenciais, conheçam seus pontos fortes e suas fragilidades e possam também planejar, propor alternativas e construir projetos de vida pessoal;
- Apresentar conceitos, orientações práticas e sugestões de dinâmicas que focalizem temas das relações humanas;
- Desenvolver competências relacionadas à comunicabilidade (capacidade de expressão oral e escrita); ao trabalho em equipe (capacidade de levar seu grupo a atingir os objetivos propostos); à solução de problemas (raciocínio lógico; capacidade de analisar situações, relacionar informações); à visão de futuro (criatividade; capacidade de planejar, prever possibilidades e alternativas para realizar; acreditar que é capaz de aprender e de realizar); à cidadania (capacidade de defender direitos individuais e coletivos; capacidade de analisar e julgar com ética e justiça).

O caderno contém, ainda, fundamentos básicos do trabalho coletivo, sugestões para o desenvolvimento das atividades e textos de apoio que se propõem a ampliar o debate com os educadores sobre os temas trabalhados. Entretanto, é no dia-a-dia que essa disciplina vai se adensando e cumprindo seus objetivos, por isso ela supõe uma atuação importante e comprometida dos educadores, que se transformam, assim, em co-autores das propostas aqui veiculadas.

Sumário

1 Jovens e Mundo do Trabalho

Primeira Aula	
Integração de grupos	15
Segunda Aula	
Regras de convivência	17
Terceira Aula	
Adequação ao contexto empresarial	19
Quarta Aula	
Apresentação da empresa	20
Quinta Aula	
Meu projeto de vida I	22
Sexta Aula	
Meu projeto de vida II	24

2 Comunicação

Primeira Aula	
Auto e heteropercepção	31
Segunda Aula	
Comunicação não-verbal	35
Terceira Aula	
Comunicação e pontos de vista	36
Quarta Aula	
Saber ouvir	42
Quinta Aula	
Importância do conteúdo da comunicação	45

3 Jovens e Contexto Social: cidadania, solução de problemas e visão de futuro

Primeira Aula	
Atenção, concentração e análise para a solução de problemas	49
Segunda Aula	
Flexibilidade e criatividade para a solução de problemas	51
Terceira Aula	
Projeto de vida pessoal e coletivo	55
Quarta Aula	
Análise da vida atual	57
Quinta Aula	
A construção do futuro I	59
Sexta Aula	
A construção do futuro II	60
Sétima Aula	
Plano de ação futura individual	62

Gabarito do exercício	65
Referências	67
Anexos	69

1 Jovens e Mundo do Trabalho

Neste capítulo serão apresentados aspectos relativos à formação de grupos e às relações interpessoais, enfatizando o contexto de uma empresa e suas peculiaridades como forma de preparar os jovens para a iniciação ao mundo do trabalho. Haverá destaque para a contribuição individual na otimização da convivência em espaços coletivos, às características do trabalho, ao mercado e ao projeto de vida pessoal dos jovens.

Objetivos

- Desenvolver competências e habilidades que inserem no mundo social e iniciam no mundo do trabalho;
- Favorecer o desenvolvimento de aprendizagens sociais e subjetivas que sejam significativas para a convivência e a inserção no mundo do trabalho;
- Privilegiar o diálogo como forma de construção de trocas para a aprendizagem de regras de convivência características da cultura empresarial;
- Compreender as transformações do mundo do trabalho e o novo perfil de qualificação exigida, gerados por mudanças na ordem econômica.



Primeira Aula

Nesta aula será vivenciada uma forma de integração de grupos, com vistas a entrosar a equipe de educadores responsável pela disciplina e os jovens, expor a finalidade do trabalho e partilhar com todos a responsabilidade sobre a qualidade de seu desenvolvimento.

Integração de grupos¹

Educador, a disciplina *Relacionamento* pressupõe que sua atuação seja, predominantemente, a de mediador na formação de atitudes e competências para a consolidação do grupo de jovens do Curso FORMARE. Em vista disso, será necessária uma cuidadosa preparação de cada aula, de modo que você esteja instrumentalizado a problematizar e/ou consolidar atitudes entre os jovens, explicitando o sentido que o grupo possui frente ao projeto de futuro de cada um (ver anexo 1). Não deixe de realizar as leituras de apoio recomendadas e apresentadas como anexos, pois elas dão argumentos e consistência a sua atuação, possibilitando que você ultrapasse aspectos do senso comum e se constitua em adulto de referência para os jovens. Esses textos são portadores de significados que precisam ser cultivados por toda a equipe, daí serem recomendados a todos os educadores da disciplina, independentemente das aulas que ministrarão.



Passo 1 / Trabalho em grupo / Preparação



15min

Coloque o grupo sentado em círculo, para facilitar a comunicação entre todos e apresente-se ao grupo, dizendo seu nome, profissão, área em que trabalha na empresa e o motivo pelo qual escolheu ser educador voluntário de *Relacionamento* no FORMARE.



¹ O jogo Frutas foi retirado de YOZO, Ronaldo. **100 jogos para grupos.** São Paulo: Ágora, 1996.

Diga que uma equipe de educadores será responsável por esta disciplina, explicando como será feita a divisão das aulas entre os educadores – *se possível, na primeira aula, será interessante que todos os educadores participem juntos, para dar um sentido de equipe.*



Os jovens se conhecem desde o processo de seleção, por isso, todos já sabem os nomes, as idades, onde moram e estudam e outras informações a respeito de seus colegas. Pedir que repitam estas informações será monótono e desmotivador. Informe-se, antes do início das aulas, sobre os dados mais relevantes a respeito de cada aluno e concentre seu interesse nas formas de interação. Para a orientação de todos, no entanto, poderá ser adotado o uso de crachá.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



25min

Peça que os jovens se apresentem dizendo apenas o nome. Cada um dos participantes escolherá o nome de uma fruta (ou animal) que “se pareça” com a pessoa que está sentada à sua direita.

Um jovem por vez apresentará o colega da direita ao grupo, dizendo qual é a fruta e o porquê de sua escolha, recorrendo à cor da pele, à expressão facial, à roupa, às atitudes, etc.

Ao final de cada apresentação, intermedeie o diálogo entre os jovens, inquirindo se aquele que foi comparado com a “fruta” concorda ou não com a descrição feita e por quê.



Você pode substituir a categoria “fruta” por qualquer outra, por exemplo: instrumento musical, marca de carro, animal, cantores, artistas de novela, etc. Insira-se no jogo também, ou deixe bem claro, antes de iniciar, qual será o seu papel. Caso os educadores da equipe estejam presentes, possibilite a sua integração na roda e no jogo.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Além de proporcionar uma forma diferente de se conhecer, esta atividade traz como foco o respeito. Seu comentário final deverá se fixar nesse aspecto, destacando a importância do acolhimento ao outro, e que a experiência que estão iniciando poderá ser muito significativa se todos se respeitarem e for possível construir laços de confiança e amizade entre os participantes.

Se surgirem comentários sobre estereótipos (muito gordo ou magro, nariz grande, “cabelo ruim”, etc.) e até brincadeiras de mau gosto, use esta oportunidade para indicar a necessidade de aprender a conviver com as diferenças e que este espaço é um local especial de convivência a ser construído coletivamente. É essencial o respeito àquilo que o outro traz ao grupo, sua história de vida, seus sentimentos, seus desejos e sonhos.

Educador, ao final do caderno, você encontrará dicas para facilitar o desenvolvimento das atividades aqui propostas (anexo 2).



Outras atividades de integração poderão ser úteis em diferentes momentos do curso. Se for o caso de seu grupo, recorra às sugestões presentes no anexo 3, ao final do caderno.

Segunda Aula

Nessa aula serão construídas regras de convivência, objetivando identificar pontos fortes e fracos do grupo e assegurar que a convivência se dê de maneira amigável e proativa.

Regras de convivência

Material necessário: uma folha de papel *flip chart*.



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



10min

Inicie explicando que as regras construídas por um grupo têm o objetivo de facilitar a convivência benéfica de todos e também o aprendizado. Para que isso aconteça, esta convivência, é necessário que todos tragam o melhor de si, e que tenham disponibilidade e espírito de colaboração.

Solicite que cada um pense na sua melhor qualidade que está sendo trazida para a convivência com o grupo.

Peça que cada um apresente ao grupo a sua qualidade, representando-a através de um objeto pessoal que formará uma vitrine do coletivo (indique uma mesa onde os objetos serão depositados).



Passo 2 / Exposição do educador / Problematização



10min

Após a manifestação de todos, relacione cada um dos objetos pessoais colocados no centro com os jovens e seu compromisso da contribuição para o grupo. Conclua devolvendo os objetos aos seus donos.



Passo 3 / Trabalho em grupos / Desenvolvimento



20min

Peça que, de acordo com as qualidades de todos, o grupo monte um decálogo (10 mandamentos) com suas regras de convivência essenciais, considerando o fato de o FORMARE ser um ambiente de aprendizagem dentro de uma empresa.

Solicite que os jovens opinem sobre as regras que julgam importantes. Para estimular a participação, divida-os em subgrupos de forma que cada um construa o seu decálogo. Socialize a produção dos grupos, anote o que foi consenso e rediscuta, até que todos entrem em acordo.

Formule, a partir da colaboração dos jovens, dez mandamentos objetivos e concretos, e redija-os no *flip chart*. O que for escrito deve representar consenso da turma.



Todas as tentativas de consenso deverão ser esgotadas no caso de haver dificuldade para o grupo estabelecer os 10 mandamentos. A votação só deverá ser instituída como último recurso.



Passo 4 / Exposição do educador / Fechamento



10min

Estabelecido o decálogo, explique aos jovens que as regras de convivência pertencem ao grupo e devem se estender por todas as disciplinas. Todos procurarão segui-las e qualquer um poderá "chamar a atenção" de alguém que as infringir. Caso alguma regra precise ser revista, deverá ter a anuência do grupo.

Mantenha a folha de *flip chart* afixada na sala durante todos os encontros e indique aos demais educadores que elas foram definidas por consenso entre todos os colegas.

Educador, no momento de escrever o decálogo no *flip chart*, esteja atento para que os mandamentos sejam concretos, passíveis de observação no dia-a-dia e não contrariem as normas da empresa.



Leia e recomende aos demais educadores a obra **Ética para meu Filho**, de Fernando Savater (São Paulo: Martins Fontes, 2002). Nela se encontram várias competências éticas contextualizadas e discutidas que podem ampliar seu repertório para argumentar com os jovens.

Terceira Aula

Nesta aula os jovens serão motivados a observar o contexto empresarial e contrapô-lo aos demais contextos do seu cotidiano, identificando semelhanças e diferenças.

Adequação ao contexto empresarial

Material necessário: folhas de *flip chart* ou quadro para anotações.



Passo 1 / Trabalho em grupos / Preparação



5min

Inicie explicando aos jovens que o foco da aula será observar as diferenças e semelhanças existentes entre o contexto em que vivem (escola, amigos, em casa) e o ambiente da empresa. Solicite que se dividam em quatro grupos (se quiser, use uma das alternativas sugeridas no anexo 4).



Passo 2 / Trabalho em grupos / Desenvolvimento



30min

Cada grupo receberá a tarefa de montar, em dez minutos, um pequeno esquete sobre uma situação (casa, escola, com os amigos, na empresa). A situação será mantida em sigilo e o esquete não deverá ultrapassar 5 minutos. Se quiserem, poderão representar vários papéis.

Os grupos apresentarão o esquete aos demais jovens.

Enquanto um grupo se apresenta, os outros jovens devem observar as encenações e anotar aspectos característicos das relações em cada um dos contextos, de modo que, ao final, possam concluir sobre o que há de **igual** e de **diferente** entre o ambiente da empresa e os demais.



Abra uma discussão sobre semelhanças e diferenças entre os contextos, recorrendo às anotações dos jovens. Reforce as regras implícitas de uma empresa, nem sempre escritas ou normatizadas, mas que acabam por constituir a cultura própria de cada empresa.

O ambiente empresarial é novo para o jovem e, sob muitos aspectos, diferente dos outros que ele está acostumado a frequentar. Este momento facilita a aproximação entre o mundo do jovem e o da empresa e o introduz na cultura empresarial.



Não deixe de responder às dúvidas dos jovens quanto ao que pertence ou não à cultura do ambiente empresarial. Este ambiente é completamente novo para o jovem, mas não deve assustá-lo.

Quarta Aula

O objetivo desta aula é apresentar a empresa aos jovens, detalhando as áreas que a compõem e suas finalidades.

Apresentação da empresa

Educador, no anexo 5 você encontrará subsídios a serem considerados quando da conversa com os jovens sobre a empresa. Se desejar, utilize-o como material de apoio a ser distribuído para os jovens no final do encontro.

Material necessário: algumas tiras de cartolina com o nome das principais áreas da empresa e outras com a finalidade de cada uma delas, conforme modelo abaixo; quadro ou *flip chart* para anotações.

Exemplo:

ÁREA DE DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS

Em outra tira, indique a finalidade, sem mencionar o nome da área.

Prestar serviços de seleção e treinamento na empresa



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



10min

Explique o objetivo da aula, iniciando pelo negócio da empresa. Proceda de forma interativa, perguntando aos jovens o que sabem a respeito da empresa e de sua finalidade. Anote as respostas no quadro ou *flip chart*.

Deixe no chão as tiras de cartolina contendo as áreas da empresa e suas finalidades.

Solicite que os jovens conectem as áreas com sua finalidade, procurando montar, dessa forma, o organograma da empresa. Esclareça que um organograma é a representação da maneira como os setores se relacionam, quem decide, quem responde a quem, etc.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



30min

Indique que os jovens deverão representar o organograma que acabaram de executar de forma viva. Por exemplo: "Eu sou a produção, minha finalidade é preparar os fios para os tecidos de algodão". Para tal, deverão se levantar e ir para o centro da classe, colocando-se espacialmente próximos dos setores.

Durante a apresentação, problematize as respostas e oriente a reformulação sempre que necessário.

Desenhe o organograma que conceberam no quadro ou *flip chart*. Peça que os jovens façam o mesmo em seus cadernos.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Após a conclusão do organograma, retome cada setor e apresente-o detalhadamente, indicando o que faz, com quais setores ele se relaciona, a quem se subordina e por quê. Todos os elementos importantes do funcionamento e da cultura da empresa deverão ser apresentados aos jovens.



Evite usar, no início da atividade, recursos da própria empresa, tais como filmes, portfólios, etc. O importante é que o jovem expresse o que ele imagina sobre a empresa e aprenda, por meio de um exercício prático, como ela funciona.

Quinta Aula

Nesta aula será desenvolvida uma dinâmica com vistas a favorecer a construção de um projeto de vida pessoal pelos jovens, possibilitando-lhes delinear sonhos e perspectivas para o futuro.

Meu projeto de vida I

Material necessário: aparelho de som e CD de música.

Educador, leia o texto *O que é ser jovem hoje?* (anexo 6) como suporte à preparação dessa aula.



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



5min

Disponha o grupo em círculo, de pé, e convide-os a “brincar de estátua”, mas alerte que este jogo será um pouco diferente, pois eles irão fazer estátuas representando eles mesmos, em diferentes momentos de suas vidas, de acordo com a data que for solicitada.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



30min

Coloque uma música lenta, em volume baixo, e peça que se movimentem pela sala. Explique que, quando você falar “estátua”, cada um deve ficar parado, representando uma estátua de acordo com a data proposta:

Como você é hoje, no dia (dia) de (mês) de (ano)?

Deixe-os ouvir a música e imaginar por algum tempo e então pare a música, dizendo “estátua”.

Peça aos alunos que observem aqueles que estão próximos. Percorra o grupo e faça comentários sobre a impressão que elas passam. Por exemplo:

Esta estátua está desanimada, de cabeça, baixa.

Esta está pensativa.

Esta está feliz.

Está parece que está com dúvida a respeito de alguma coisa.

Reinicie a música e diga que, desta vez, quando você falar “estátua”, cada um deve fazer uma estátua de

Como você será daqui a um ano, no dia (dia) de (mês) de (ano acrescido de um ano a mais).

Deixe-os ouvir a música e imaginar por algum tempo e então pare a música, dizendo, “estátua”. Novamente, peça aos jovens que observem aqueles que estão próximos. Observe as estátuas, fazendo comentários.



A brincadeira das estátuas é importante para que os jovens entrem no clima de fantasia e consigam imaginar o futuro. Para não ficar cansativo, faça no máximo 4 comentários em cada parada.

Recoloque a música. Diga que, desta vez, quando você falar “estátua”, cada um deve fazer uma estátua de acordo com a proposta que segue:

Como você será daqui a dez anos, no dia (dia) de (mês) de (ano atual acrescido de dez anos a mais)?

Peça que continuem parados e fechem os olhos, sentindo-se dez anos mais velhos, no ano de (20 _ _), e imaginem, silenciosamente, respostas para as seguintes perguntas:

O que você realizou nesses dez anos?

Como está sua vida pessoal?

Como está sua vida profissional?

Como se sente?



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



15min

Recoloque a música e solicite que se movimentem pela sala, como se realmente estivessem no ano de (20 _ _), com 25, 26, 27 anos de idade.

Solicite que formem um semicírculo (em pé) e coloquem-se na frente dos jovens.

Pare a música. Diga que vocês estão no dia (_ _) de (mês) de (ano acrescido de dez anos a mais), e que você é um jornalista que está fazendo uma reportagem para o Jornal da Empresa sobre os ex-alunos FORMARE. Chame cada aluno para frente e entreviste-o com as mesmas perguntas:

O que você realizou nesses dez anos?

Como está sua vida pessoal?

Como está sua vida profissional?

Como você se sente?

Após as entrevistas, recoloque a música e solicite que caminhem pela sala, voltando aos poucos para o dia de hoje.



Procure realmente entrar no papel de um jornalista, fale em outro tom de voz, faça gestos, represente. Se você perceber que o tempo está curto, faça apenas um ou duas perguntas por entrevista. É essencial que todos participem. Não deixe ninguém de fora.

Feche a atividade falando que eles viveram uma pequena experiência de imaginar o futuro, e esta vivência de sonho e imaginação é fundamental para que descubram, aos poucos, o que querem construir daqui para frente. Diga que o assunto continuará na próxima aula.

Sexta Aula

Nesta aula serão apresentadas possibilidades de planejamento de futuro e serão discutidas as metas que gostariam de alcançar nos próximos dez anos.

Meu projeto de vida II

Material necessário: lápis, borrachas, canetas e uma cópia da ficha que segue para cada aluno (levar algumas cópias a mais).



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



10min

Disponha o grupo em círculo, sentado e pergunte sobre o significado da palavra meta. Ouça as respostas e, para concluir, leia os significados presentes no dicionário: *meta = 1. Poste, marco de chegada; 2. Baliza, barreira; 3. Alvo, mira, objetivo que se almeja; 4. Limite, fim.*

Diga que a proposta desta aula é colocar no papel as metas que eles pensaram em alcançar e que foram expressas na aula passada.

Numere as fichas, para facilitar a atividade. Elas não serão identificadas, mas serão devolvidas aos jovens no final do encontro.



Passo 2 / Trabalho individual e em subgrupos / Desenvolvimento



30min

Distribua uma ficha e um lápis para cada jovem. Solicite que escolham um canto da sala, onde possam sentar, ficar a vontade e preencher a ficha (sem assinar). Recolha as fichas quando todos acabarem.

Divida o grupo em 5 subgrupos e distribua caneta e quatro fichas preenchidas, aleatoriamente, para cada subgrupo. Se desejar, utilize uma das sugestões do anexo 4.

Solicite que cada subgrupo analise as fichas, apontando, por escrito, no verso da ficha, o que consideram realizável e o que não consideram, justificando as análises. Por exemplo: “estudar espanhol é bom, é língua estrangeira e mais fácil que inglês”; “achamos que não é possível fazer faculdade no prazo de quatro anos porque...”, etc.

Solicite que cada subgrupo escolha apenas uma ficha para comentar em voz alta para todo o grupo.

Depois das apresentações, recolha novamente todas as fichas.



Não identifique as fichas para não inibir os comentários e investir em um debate mais significativo a respeito das opiniões sobre os projetos de vida.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Destaque que eles estão apenas iniciando seus planos para o futuro, e que, ao longo de todo o curso e em todas as disciplinas, terão outras oportunidades de pensar sobre um projeto de vida pessoal. Indique que, no módulo avançado esta ficha será novamente utilizada, por isso é importante que permaneça guardada e à mão.

Educador, antes de devolver a ficha aos jovens, tire uma cópia para assegurar sua utilização no módulo avançado.

Lembre ainda que, neste momento, eles só levantaram desejos, muitos deles de ordem profissional. No curso, em diferentes disciplinas, terão oportunidade de dar maior concretude a eles e até mesmo conhecerem os procedimentos que a empresa usa para atingir suas metas (controle, orçamento, qualidade, etc.), os quais também podem contribuir para o planejamento de sua própria vida.



O ponto principal da atividade é fazer com que os jovens percebam suas possibilidades e limites, indicando as visões de futuro que imaginam para si. Trabalhe a projeção que eles fazem da sua vida no futuro, porque é essa imagem que os leva a investir no presente, enfrentando dificuldades e ultrapassando barreiras em direção à situação desejada.



2 Comunicação

Neste capítulo serão desenvolvidos pressupostos da auto e da heteropercepção, focalizando a comunicação não-verbal e destacando suas formas de expressão.

Também serão observadas as diferentes percepções de uma mesma comunicação (pontos de vista), seja por variação de ponto de vista, seja por influências subjetivas de quem ouve/relata. Os jovens identificarão os fatores que facilitam e/ou dificultam a comunicação, de modo a destacar a importância de "saber ouvir".

Primeira Aula

Nesta aula serão desenvolvidos pressupostos que invistam na comunicação a partir da percepção de si mesmo e do outro, com vistas a destacar a relação entre a imagem de si que cada um quer passar na sociedade e aquela que de fato é percebida por todos.

Auto e heteropercepção

Material necessário: canetas, papel sulfite, 20 cópias da ficha *Comunicação*, já com o nome de cada aluno.

Educador, leia atentamente o texto *Comunicação* (anexo 10), assim você terá embasamento necessário para desenvolver as aulas e fazer os comentários, obtendo melhores resultados.



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



10min

Disponha o grupo em círculo, sentado, e informe aos jovens o tema que unifica as atividades desse capítulo. Pergunte o que significa uma boa comunicação para cada um. Diga que uma das bases da comunicação é a percepção e o julgamento que uns fazem dos outros, e o trabalho dessa aula tem o objetivo de que cada um perceba tanto a imagem que quer passar de si, como aquela que é percebida pelo grupo.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



30min

Distribua uma folha sulfite para cada um dos integrantes do grupo e solicite que escrevam nesta folha que imagem de si gostariam que fosse percebida pelos outros.

Indique os diferentes aspectos da imagem que podem interessar: o jeito, a postura, o modo de falar, as roupas e acessórios usados. Se necessário, exemplifique. Quando

todos terminarem, solicite que dobrem o papel e guardem para si mesmos, por enquanto.

Explique a segunda parte do jogo, que consiste em escrever, numa ficha que será entregue anonimamente, o que cada pessoa do grupo percebe do outro, qual a imagem que cada um apresenta.

Distribua, aleatoriamente, as 20 cópias da ficha *Comunicação* e peça que os jovens as preencham, conforme as instruções, e passem para o colega à sua direita, até que todos tenham preenchido todas as fichas, menos aquela com seu próprio nome.

Educador, esteja atento para as brincadeiras e imagens que desqualificam.



Para que este jogo transcorra da forma esperada, é fundamental que os participantes estejam à vontade. Caberá ao educador a tarefa de explicitar as instruções, sem tirar a espontaneidade do grupo.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Após o grupo ter colocado as suas percepções, cada um dos participantes ficará com a folha com seu nome. Solicite que confrontem a imagem que querem passar com aquelas coletadas junto ao grupo. Peça que compartilhem as percepções e o que aprenderam sobre si mesmos.

Pergunte o que podem melhorar em sua comunicação para diminuir a diferença entre o que são e o modo como são percebidos. Deixe-os falar livremente.

Ao encerrar o jogo, comente a respeito da imagem que se gostaria de passar e o que efetivamente se passa para os outros, embora nem sempre se tenha consciência disso. Baseado nessa aprendizagem, é possível começar a desenvolver competências de auto-observação no dia-a-dia, não só no ambiente empresarial como também nos outros papéis vivenciados. Esta atividade propicia saber como o outro nos vê, mas nem sempre, na vida real, isto é possível. Com o passar das aulas, serão desenvolvidas outras competências auxiliares da aprendizagem, possibilitando que sejam esclarecidas possíveis interpretações errôneas ou mal-entendidos.

A large rectangular area with a dotted grid pattern, intended for writing or drawing. The grid consists of 20 horizontal rows and 40 vertical columns of small dots, creating a guide for text or illustrations.

Segunda Aula

Esta aula focaliza a comunicação não-verbal, destacando suas formas de expressão.

Comunicação não-verbal¹



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



5min

Disponha o grupo em círculo, sentado, e informe aos jovens que o foco da atividade será a observação da comunicação não-verbal, destacando a forma como ela interfere na compreensão das mensagens emitidas. Por isso, durante a sua realização, “é proibido falar”.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



30min

Através de mímica, represente alguém desempenhando uma atividade profissional (regente de uma orquestra, cozinheiro, operário na máquina, professor, etc.).

O grupo deverá observar e, à medida que descobrir que mímica é, tratará de imitar uma profissão correlata. Por exemplo, se a imitação for a de um cozinheiro, alguém poderá lavar a louça, outro arrumar o armário, outro picar alimentos. A idéia é que todos os participantes do grupo façam uma construção conjunta, compondo uma "grande cena" a partir da indicação da primeira mímica. Não poderão fazer mímica que não tenha relação com as que compõem a cena, como por exemplo, um bailarino.

Quando todos estiverem inseridos, sugira que mostrem o grau de satisfação que cada um tem ao desenvolver a atividade, como se sentem ao desempenhá-la. Circule entre os personagens da cena qualificando a mímica: indique se é bom maestro, se é chefe de equipe entusiasmado, seguro, se é um ajudante confuso ou competente, se está de “saco cheio”.

Diga que este foi apenas um ensaio. Peça então que um jovem faça uma primeira imagem sobre o que foi



¹ Ronaldo Yudi K. Yozo em **100 Jogos para Grupos** (São Paulo: Agora, 1996).

visto na aula anterior, com o objetivo de descobrir que tipo de complementações uma imagem pode pedir. Por exemplo, se alguém quer passar a imagem de *desen-canado*, como expressar, sem palavras, esta imagem?

Em função do tempo disponível, verifique quantas pessoas poderão iniciar a composição da cena.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



15min

Para o fechamento, você deverá se valer do conteúdo relativo à comunicação não-verbal (anexo 10).

Terceira Aula

Esta aula tem por objetivo observar as diferentes percepções de uma mesma comunicação, seja por variação de ponto de vista, seja por influências subjetivas de quem ouve/relata.

Comunicação e pontos de vista²

Material necessário: texto com uma história (veja sugestões), preparado antecipadamente pelo educador.



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



5min

Disponha o grupo em círculo, sentado, e informe que hoje eles irão observar as diferentes percepções de uma mesma comunicação.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



30min

Peça a colaboração de cinco jovens voluntários. Quando estes se apresentarem, solicite que saiam da sala. Conte para o grupo uma história rica em detalhes, pedindo a atenção de todos (veja algumas sugestões a seguir). Solicite que um dos voluntários entre na sala. Peça a um jovem do grupo que conte a ele a história que ouviu do educador.

Na seqüência, entrarão os demais jovens, um de cada vez, ouvindo a história de quem o antecedeu.



2 SERRÃO, M e BALEEIRO, M. A. *Aprendendo a ser e a conviver*. São Paulo: FTD, 1999



Conclua lendo novamente, para todos, a história original.

Problematize a experiência proporcionada pelo jogo:

O que se percebe ao ouvir a mesma história contada por diferentes pessoas?

O que mais chama a atenção?

É importante que o grupo perceba que cada pessoa, ao ouvir uma mensagem (ênfatize que este fato é mais marcante quando a comunicação é oral), a compreende a partir de um referencial particular. Assim, ao recordar o que escutou, naturalmente ressalta os pontos que lhe são significativos, "aumentando um ponto" (ou vários) em relação à mensagem original.

Sugestões de Histórias

A moça tecelã



Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca mais acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comida. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranqüila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

– Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

– Para que ter casa, se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

– É para que ninguém saiba do tapete – ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: – Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido.

Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Fonte:

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. Rio de Janeiro: Global, 2000.

A noite em que os hotéis estavam cheios

O casal chegou à cidade tarde da noite. Estavam cansados da viagem; ela, grávida, não se sentia bem. Foram procurar um lugar onde passar a noite. Hotel, hospedaria, qualquer coisa serviria, desde que não fosse muito caro.

Não seria fácil, como eles logo descobriram. No primeiro hotel o gerente, homem de maus modos, foi logo dizendo que não havia lugar. No segundo, o encarregado da portaria olhou com desconfiança o casal e resolveu pedir documentos. O homem disse que não tinha, na pressa da viagem esquecera os documentos.

– E como pretende o senhor conseguir um lugar num hotel, se não tem documentos? – disse o encarregado. – Eu nem sei se o senhor vai pagar a conta ou não!

O viajante não disse nada. Tomou a esposa pelo braço e seguiu adiante. No terceiro hotel também não havia vaga. No quarto – que era mais uma modesta hospedaria – havia, mas o dono desconfiou do casal e resolveu dizer que o estabelecimento estava lotado. Contudo, para não ficar mal, resolveu dar uma desculpa:

– O senhor vê, se o governo nos desse incentivos, como dão para os grandes hotéis, eu já teria feito uma reforma aqui. Poderia até receber delegações estrangeiras. Mas até hoje não consegui nada. Se eu conhecesse alguém influente... O senhor não conhece ninguém nas altas esferas?

O viajante hesitou, depois disse que sim, que talvez conhecesse alguém nas altas esferas.

– Pois então – disse o dono da hospedaria – fale para esse seu conhecido da minha hospedaria. Assim, da próxima vez que o senhor vier, talvez já possa lhe dar um quarto de primeira classe, com banho e tudo.

O viajante agradeceu, lamentando apenas que seu problema fosse mais urgente: precisava de um quarto para aquela noite. Foi adiante.

No hotel seguinte, quase tiveram êxito. O gerente estava esperando um casal de conhecidos artistas, que viajavam incógnitos. Quando os viajantes apareceram,

pensou que fossem os hóspedes que aguardava e disse que sim, que o quarto já estava pronto. Ainda fez um elogio.

– O disfarce está muito bom. Que disfarce? Perguntou o viajante. Essas roupas velhas que vocês estão usando, disse o gerente. Isso não é disfarce, disse o homem, são as roupas que nós temos. O gerente aí percebeu o engano:

– Sinto muito – desculpou-se. – Eu pensei que tinha um quarto vago, mas parece que já foi ocupado.

O casal foi adiante. No hotel seguinte, também não havia vaga, e o gerente era metido a engraçado. Ali perto havia uma manjedoura, disse, por que não se hospedavam lá? Não seria muito confortável, mas em compensação não pagariam diária. Para surpresa dele, o viajante achou a idéia boa, e até agradeceu. Saíram.

Não demorou muito, apareceram os três Reis Magos, perguntando por um casal de forasteiros. E foi aí que o gerente começou a achar que talvez tivesse perdido os hóspedes mais importantes já chegados a Belém de Nazaré.

Fonte:

SCLIAR, Moacyr. **A massagista japonesa**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

O rei dos animais

Saiu o leão a fazer sua pesquisa estatística, para verificar se ainda era o Rei das Selvas. Os tempos tinham mudado muito, as condições do progresso alterado a psicologia e os métodos de combate das feras, as relações de respeito entre os animais já não eram as mesmas, de modo que seria bom indagar. Não que restasse ao Leão qualquer dúvida quanto à sua realeza. Mas assegurar-se é uma das constantes do espírito humano, e, por extensão, do espírito

animal. Ouvir da boca dos outros a consagração do nosso valor, saber o sabido, quando ele nos é favorável, eis um prazer dos deuses. Assim o Leão encontrou o Macaco e perguntou: "Hei, você aí, macaco – quem é o rei dos animais?" O Macaco, surpreendido pelo rugir indagatório, deu um salto de pavor e, quando respondeu, já estava no mais alto galho da mais alta árvore da floresta: "Claro que é você, Leão, claro que é você!".

Satisfeito, o Leão continuou pela floresta e perguntou ao papagaio: "Currupaco, papagaio. Quem é, segundo seu conceito, o Senhor da Floresta, não é o Leão?" E como aos papagaios não é dado o dom de improvisar, mas apenas o de repetir, lá repetiu o papagaio: "Currupaco... não é o Leão? Não é o Leão? Currupaco, não é o Leão?".

Cheio de si, prosseguiu o Leão pela floresta em busca de novas afirmações de sua personalidade. Encontrou a coruja e



perguntou: "Coruja, não sou eu o maioral da mata?" "Sim, és tu", disse a coruja. Mas disse de sábia, não de crente. E lá se foi o Leão, mais firme no passo, mais alto de cabeça. Encontrou o tigre. "Tigre, – disse em voz de estentor -eu sou o rei da floresta. Certo?" O tigre rugiu, hesitou, tentou não responder, mas sentiu o barulho do olhar do Leão fixo em si, e disse, rugindo contrafeito: "Sim". E rugiu ainda mais mal humorado e já arrependido, quando o leão se afastou.

Três quilômetros adiante, numa grande clareira, o Leão encontrou o elefante. Perguntou: "Elefante, quem manda na floresta, quem é Rei, Imperador, Presidente da República, dono e senhor de árvores e de seres, dentro da mata?" O elefante pegou-o pela tromba, deu três voltas com ele pelo ar, atirou-o contra o tronco de uma árvore e desapareceu floresta adentro. O Leão caiu no chão, tonto e ensangüentado, levantou-se lambendo uma das patas, e murmurou: "Que diabo, só porque não sabia a resposta não era preciso ficar tão zangado".

Moral: cada um tira dos acontecimentos a conclusão que bem entende.

Fonte:

FERNANDES, Millôr. **Fábulas Fabulosas**. Rio de Janeiro: Record, 1964.



Há excelentes autores juvenis cujas narrativas curtas poderão ser utilizadas aqui. Sugere-se, entre eles, Bartolomeu Campos de Queirós e Sérgio Capparelli. Muitas de suas narrativas curtas são encontráveis até mesmo na Internet.

Quarta Aula

Nesta aula será desenvolvida uma atividade com vistas a identificar os fatores que facilitam e/ou dificultam a comunicação, de modo a destacar a importância de "saber ouvir".

Saber ouvir³



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



5min

Disponha o grupo em círculo, sentado, e informe o foco da atividade desse encontro.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



30min

Organize os jovens em duplas numerando os participantes com os números 1 e 2, aleatoriamente. Reúna em uma sala todos os participantes que receberam o número 1 e dê a eles as seguintes instruções:

Cada um irá contar uma história real, da sua própria vida, com detalhes, com coerência, início e final. Peça que tenham o cuidado de se certificarem de que seu parceiro compreendeu bem tudo o que lhe foi contado, do começo ao fim.

Reúna, em outra sala, os participantes que receberam o número 2 e passe a eles instruções individuais, pois cada um desempenhará um papel diferente em sua dupla. (Veja as *Sugestões de Papéis* que deverão ser assumidos por cada um do grupo 2). Todos os papéis têm o objetivo de interferir na comunicação, dificultando-a.

Dadas as instruções, todas as duplas sentam-se espalhadas pela sala, executando a tarefa ao mesmo tempo.

Enquanto as duplas trabalham, observe e determine o final da atividade ao perceber que a maioria das duplas concluiu a tarefa, ou já se encontra suficientemente mobilizada.



Certifique-se de que os jovens estão "entrando no jogo", estão expressando realmente o que sentiram enquanto contavam a sua história!



3 SERRÃO, M e BALEEIRO, M. A. *Aprendendo a ser e a conviver*. São Paulo: FTD, 1999.



Ao final, cada dupla expõe para o grande grupo o que aconteceu durante a execução da atividade e como está se sentindo. Peça que falem primeiro todos os participantes de número 1. Ao passar a palavra aos participantes de número 2, solicite que falem, inicialmente, sobre seus sentimentos, indicando se foi fácil ou difícil desempenhar o seu papel e por quê. Só então peça que ele relate ao seu par e ao grupo a instrução recebida.

Depois de explorar os comentários sobre a atividade, amplie a discussão para os seguintes pontos:

Como você se sente quando alguém não escuta você?

**É difícil para você escutar o outro?
E falar de si?**

Que atitudes no outro facilitam a sua expressão?


Solicite aos jovens que preparem o relato de um fato, utilizando no máximo 3 minutos, sobre qualquer tema de seu interesse, pesquisado em jornais, revistas, internet, para, na próxima aula, apresentar para a classe.




Também é possível escolher um tema de interesse e pedir aos jovens que procurem um fato curto (até 3 minutos), relativo ao tema, que possa agregar alguma informação nova ao grupo.

Sugestões de papéis para cada participante do grupo 2.


Faça uma cópia, recorte e distribua uma instrução pra cada participante do grupo 2. Oriente-os para que cada um desenvolva o seu papel de acordo com a instrução recebida.




a. Dê palpites sem ser solicitado durante o relato do seu parceiro.




b. Interrompa freqüentemente o seu par, impedindo-o de chegar ao fim de sua história.




c. Mude de assunto várias vezes durante o relato do seu par.




d. Não responda nem pergunte nada durante todo o relato.




e. Peça constantemente ao outro que repita o que acabou de dizer.




f. Procure contar uma história melhor do que a que o seu par está contando.




g. Observe o resto da sala em quanto o seu par está falando, mantendo um olhar distraído.




h. Ria e ache graça quando o seu par fala sério.



i. Faça perguntas sobre todos os detalhes da história.



j. Conclua as frases do seu parceiro antes dele, tentando adivinhar o que ele vai dizer.



Quinta Aula

Esta aula tem por objetivo sensibilizar para a importância do conteúdo na comunicação.

Importância do conteúdo da comunicação



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



Disponha o grupo em círculo, sentado, e informe que o objetivo desse encontro será a apresentação de cada um dos alunos, conforme solicitado no final da aula anterior, de maneira a demonstrar que a forma da comunicação trabalhada nas aulas anteriores e o seu conteúdo são de fundamental importância no processo da comunicação.

5min



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



Juntamente com os jovens, eleja um critério para a ordenação das apresentações de até 3 minutos (o tempo da apresentação será estabelecido em função do tamanho do grupo). Inicie as apresentações, controlando o tempo.

40min

Após cada apresentação, solicite um breve *feedback* ao grupo, a partir de três fatores:

- **Relativamente ao conteúdo da comunicação:** O que você achou do fato apresentado? É importante? Tem começo, meio e fim?
- **Relativamente à forma da comunicação:** Como foi a apresentação? (tom de voz, gestos, postura, expressão do rosto, segurança, etc.)
- **Relativamente ao papel de receptor da informação:** Como você avalia o seu papel de ouvinte?

Enquanto os jovens falam, anote as respostas na lousa ou quadro, para utilizar na conclusão final.



As respostas ao item anterior deverão ser breves! Contenha as críticas severas, brincadeiras e respostas longas e confusas. O objetivo é fazer com que todos participem da situação comunicativa e não apenas seu apresentador.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



Conclua abrindo para comentários do grande grupo a respeito da experiência vivenciada. Faça referência a todos os aspectos vivenciados em torno do tema comunicação. Se desejar, entregue o anexo 10 como texto de apoio aos jovens.

5min

3 Jovens e Contexto Social

Neste capítulo serão tratados aspectos que favorecem a compreensão da dinâmica da sociedade em que vivem, percebendo-se como elementos ativos em sua comunidade e atuando em prol de viabilizar um modelo de sociedade mais justo e solidário. Para isso, serão motivados a construir e consolidarem uma noção de cidadania plena e ativa, decorrente da observação crítica da vida social da comunidade próxima e da ação em prol de sua transformação ou da preservação de valores ameaçados. Esses aspectos também viabilizam o enfrentamento de problemas, a inserção social e a construção de projetos de vida pessoal.

As aulas desse bloco são somente um laboratório de idéias para exercitar a cidadania, indicando a necessidade de planejamento prévio das ações como forma de viabilizar o seu sucesso. A construção de um plano de ação é o primeiro passo, mas a ação social só irá acontecer se toda a Escola FORMARE estiver envolvida. Um dos desafios dos jovens será mobilizar a coordenação e os outros Educadores para tirarem o projeto do papel e realizá-lo. Nesse processo, o Educador da disciplina de *Relacionamento* precisará atuar como adulto de referência, mantendo um papel orientador e motivador.

Objetivos

- Construir instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana, ampliando a visão de mundo;
- Compreender o papel das relações interpessoais na definição de valores de uma comunidade ou de projetos de ação social a serem executados por uma coletividade;

- Favorecer a autonomia pessoal na condução de projetos de vida;
- Proporcionar situações concretas para o exercício de competências comunicativas articuladas a partir da comunicação oral e da escrita.

Primeira Aula

Esta aula privilegia as habilidades relativas à atenção, concentração e análise, com vistas a desenvolver competências para a solução de problemas.

Atenção, concentração e análise para a solução de problemas²

Material necessário: flip chart ou quadro branco, canetões e um sino.



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



10min

Disponha o grupo sentado, em círculo, e avise que, nas próximas três aulas, os jovens irão conversar sobre as habilidades que eles vêm desenvolvendo durante o curso, e como elas poderão ajudá-los a desenvolver competências para resolver problemas.

Questione-os a respeito dos modos que utilizam para resolver problemas:

Pedem ajuda a alguém?

Desesperam-se e esperam a "poeira baixar", para então resolver?

Esperam que o tempo resolva?

Valorize as respostas dadas e apresente a intenção de colaborar para que todos possam se organizar e desenvolver habilidades que auxiliam na solução de problemas, sejam eles de ordem profissional ou pessoal.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Preparação



30min

Proponha aos jovens o desafio de resolverem algumas charadas: você fará algumas perguntas e eles deverão pensar e responder individualmente. Diga que você irá ler uma questão por vez e quem souber a resposta deverá levantar, ir até o centro da sala, tocar o sino e só então responder. Responde a questão, aquele que for mais rápido. Se o primeiro responder errado, quem souber a resposta correta deverá levantar, tocar o sino novamente e então responder.



² O jogo Agindo rápido foi adaptado de MIRANDA, Simão. *Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários*. Campinas: Papyrus, 1996.



Se você achar que somente ler as perguntas será complicado para os jovens entenderem, escreva-as, com letras bem grandes, em folhas do *flip chart*, e mostre uma de cada vez.

Desenhe, no *flip chart* ou no quadro, um placar para anotar os resultados conforme a sugestão abaixo:

	Nome	Nome	Nome	Nome	Nome
Questão 1					
Questão 2					
Questão 3					
Questão 4					
...até 12					

Comece então a ler as questões que seguem. Leia uma por uma e peça aos jovens que respondam, sem comentários.

- 1) O que pesa mais? Meio quilo de chumbo ou um quilo de penas?
Um quilo de penas.
- 2) É filho do seu pai, mas não é seu irmão. Quem é?
Eu.
- 3) Qual é o número que vem antes do número que vem antes de 14?
Doze.
- 4) Uma vela pode ficar acesa durante duas horas. Por quantas horas ficariam acesas duas velas do mesmo tamanho e acesas ao mesmo tempo?
2 horas, sem dúvida!
- 5) Numa sala estão quatro homens, cada um colocado num canto. Quantos homens vê cada um?
Três.
- 6) Complete a frase: o pai de Maria tinha cinco filhas – Lalá, Lelé, Lili, Loló e...
A tentação de completar com a última vogal é inevitável mas a resposta é Maria, dita logo no início.
- 7) Duas pessoas estão a 20 Km de Brasília. Quantos quilômetros cada uma precisa percorrer para chegar até Brasília?
20 quilômetros.
- 8) Que parente meu é o filho da irmã do meu pai?
Primo.
- 9) (Aponte para um jovem e recolha o dedo.) Você dirigia um ônibus. Na 1ª parada, subiram duas pessoas; na 2ª parada, desceu uma; na 3ª parada, subiram quatro; na 4ª parada, desceram duas; na 5ª parada, subiram seis. Como se chamava o motorista?
O nome da pessoa para a qual você apontou.
- 10) Paulo come mais que João e Luiz come mais que Paulo. Quem é que come menos?
João.
- 11) Quantas notas de cinco reais há em uma dúzia?
Doze.
- 12) No dia 07 de setembro, comemoramos o dia da Independência. Em Portugal existe 07 de setembro?
Existe, pois não é a comemoração, mas o dia.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Quando terminarem as charadas, feche o placar e pergunte ao jovem vencedor (ou jovens, se houver empate) a que atribuem o fato de conseguir responder tantas perguntas de forma rápida e correta. Peça que os jovens comentem sua participação no jogo.

O vencedor do jogo não é o mais inteligente, e sim o mais atento, aquele que sabe ouvir, presta atenção no que está acontecendo a sua volta e analisa a situação. Muitas vezes uma situação parece uma coisa, mas na realidade é outra. Muitas vezes também, com o nervosismo, a situação parece mais complicada do que realmente é. Trabalhe este foco com os jovens e busque descobrir com eles algumas características que podem auxiliá-los a resolver problemas, introduzindo aspectos presentes no texto *Solução de Problemas* (anexo 14).

Segunda Aula

Esta aula trabalhará o princípio de que existem várias alternativas de solução para um mesmo problema, e que, para vê-las, é preciso ser flexível e criativo.

Flexibilidade e criatividade para a solução de problemas

Material necessário: flip chart ou quadro e canetões; folhas sulfite, lápis e canetas; 20 cópias do texto de apoio *Coloque-se no lugar dele!*



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



20min

Desafie os jovens a, individualmente, solucionarem um problema que realmente aconteceu com um ex-aluno FORMARE. Distribua uma cópia do texto de apoio que segue e oriente-os para que se coloquem no lugar do protagonista da situação descrita. Estimule a reflexão sobre as decisões que cada um tomaria diante das escolhas possíveis. Entregue também uma folha sulfite, lápis e caneta e peça que escrevam suas respostas. Escrever é importante porque ajuda a analisar cada ponto do problema.

Coloque-se no lugar dele!

Você acaba de se formar na Escola FORMARE. No mesmo ano, presta vestibular e é aprovado na Faculdade de Engenharia de uma Universidade particular, mas não tem condições de pagar a matrícula nem as futuras mensalidades.

Ao mesmo tempo, na empresa em que fez seu curso, surgem duas oportunidades de trabalho: uma para ser funcionário na linha de produção e outra para ser estagiário na área de engenharia e você é lembrado pela empresa. Você está interessado em trabalhar e fica muito feliz com a lembrança, que é resultado de sua postura durante o curso, mas fica em dúvida: qual proposta aceitar?

Que escolha você faria?

Considere:

- Como funcionário, você terá estabilidade, bom salário, benefícios (assistência médica, vale transporte, almoço);
- Como estagiário de engenharia, o salário é menor, mas você terá mais oportunidade de crescer e adquirir experiência na área em que você sempre sonhou estudar;
- Quais suas condições concretas hoje?
- Há possibilidade de matricular-se na Faculdade e pagar as mensalidades?
- Quantas escolhas são possíveis? Qual você escolheria?





Alguns jovens podem fazer o exercício muito rapidamente. Converse individualmente com cada um, problematize as alternativas escolhidas, faça-os explicarem por que tomaram tal decisão, faça-os redigirem (pode ser em forma esquemática) as alternativas consideradas para tomar cada uma das decisões.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



20min

Organize um debate aberto a partir da exposição das escolhas e dos argumentos de cada um. Faça a mediação das manifestações dos jovens destacando a necessidade de considerar variáveis, ter flexibilidade e ser criativo para solucionar problemas.

Leia para os jovens o caso real do aluno Danúbio Lima Silva, noticiado no *Formare News Extra*, de abril de 2005, transcrito a seguir e faça uma discussão a respeito das variadas alternativas apresentadas pelo grupo e o caso real.

NOTÍCIA DO FORMARE NEWS EXTRA – ABRIL DE 2005

Ex-aluno FORMARE realiza sonho: estagiar em engenharia

Vale a pena lutar por um sonho, principalmente quando se tem o apoio de pessoas que acreditam em seu potencial. Esta é a principal lição que o jovem Danúbio Lima Silva, ex-aluno FORMARE da Sogefi, em São Bernardo do Campo/SP, vem aprendendo desde que iniciou sua participação no programa.

Aluno com grande destaque durante o curso de Mecânico de Montagem de Produtos, Danúbio formou-se no segundo semestre de 2004. Após a conclusão do curso, ele se viu diante de duas opções: ser contratado para trabalhar na linha de produção da Sogefi ou tentar ingressar no curso de Engenharia, seu grande sonho, e preencher uma vaga de estagiário na empresa. O desejo de ser engenheiro, porém, esbarrava na dificuldade de arcar com os custos da mensalidade da faculdade privada.

Neste momento de dúvida, Danúbio contou com o apoio decisivo dos educadores voluntários da Sogefi, que demonstraram muita solidariedade e articulação, conseguindo para ele uma bolsa de estudos na Faculdade de Engenharia Industrial (FEI). Com a bolsa, o rapaz pôde iniciar seus estudos e ingressar na vaga de estágio tão sonhada.

A ação em equipe dos educadores, buscando parcerias e somando esforços com outras pessoas e instituições, fez a diferença para Danúbio e este pode ser considerado um excelente exemplo de trabalho em rede.

Educador, a partir do planejamento dessa aula que discute um caso real, a FORMARE foi buscar saber notícias do aluno cujo dilema ilustrou o problema a ser resolvido pelos jovens. Veja o que ele responde, em julho de 2006. Leia esta resposta para os jovens, no fechamento da unidade. Ela despertará, com certeza, motivação e curiosidade.

Para todas as decisões que tomamos em nossa vida, existe uma consequência, ou seja, a colheita do que você plantou. Esta foi, sem dúvidas, a mais difícil decisão até o momento, pois estava em jogo uma efetivação na empresa ou um estágio, e se eu aceitasse o estágio ainda teria o desafio de ter que passar na faculdade!

Resolvi correr o risco e acreditar no sonho: busquei, estudei e, graças a Deus e a minha determinação, consegui passar na FEI, no Senai e na ETE, mas preferi a FEI, que oferecia algo mais direto para o meu objetivo!

Confesso que encontrei um pouco de dificuldade no começo, devido ao nível de estudo que tive, porém me dediquei, busquei fontes e hoje estou muito bem, já no 5º semestre de Engenharia Mecânica Automobilística.

Creio que, se tivesse aceitado a efetivação, teria um caminho mais longo, mas com certeza iria buscar o meu objetivo a qualquer preço, pois a força de vontade ainda faz a diferença!

A minha vida já está bem mais definida, mas tenho muita coisa pela frente ainda, como a efetivação que ainda não chegou. Eu estou trabalhando e procurando ser o melhor, pois nós, que não tivemos boa oportunidade desde pequenos, temos a obrigação de nos superar e mostrar que não é a classe social que faz o homem, e sim o seu caráter. Tenho certeza de que um dia, em breve, ela virá!

Hoje eu tomaria essa decisão novamente, pois creio que foi a decisão correta para o meu futuro. É claro que houve pessoas que me ajudaram e me auxiliaram nesse momento difícil, como pais e educadores, e também meu chefe, que me deu um apoio singular e me mostrou os dois lados da moeda!

Estou feliz por chegar aonde cheguei e, se a cada ano vocês me perguntarem novamente como estou, tenham certeza de que eu terei sempre subido um degrau a mais, pois é assim que pretendo ser, e gostaria de que todas as pessoas que tiveram uma oportunidade como eu tive (FORMARE), a abraçassem de coração e fossem com toda a garra, porque não é sempre que ela bate em nossa porta. Se ela bater, bote ela pra dentro e nunca a deixe escapar!

Danúbio.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Retome a discussão, contrapondo as variadas alternativas apresentadas pelos jovens e o caso real. Encerre apontando que problemas fazem parte da vida de todos, sinalizando que é possível aprender a lidar com eles através do desenvolvimento de competências que são úteis tanto na vida privada quanto na vida profissional.

Terceira Aula

Nesta aula os jovens serão sensibilizados para a construção de uma visão de futuro, com vistas a projetar/sonhar um projeto de vida pessoal e coletivo.

Projeto de vida pessoal e coletivo

Educador, leia atentamente o texto *Visão de Futuro* (anexo 15). Assim você terá melhores condições para conduzir as atividades das próximas aulas.

Material necessário: aparelho de som, cd com música relaxante, lápis de cor, papel sulfite.



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



5min

Disponha o grupo sentado em círculo e informe que esta unidade buscará auxiliar no planejamento de uma visão de futuro. Resgate, com a colaboração dos jovens, as aulas do Módulo Básico nas quais trabalharam o projeto de vida, indicando que farão uma comparação com os sonhos e as formas de atingi-los no início do Curso e atualmente.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



35min

Peça que os jovens sentem-se confortavelmente na cadeira. Solicite que fechem os olhos, pois irão fazer uma viagem para o mundo dos sonhos futuros. Proponha alguns momentos de respiração profunda e lenta, para relaxamento, e siga as instruções do texto que segue.

Vamos nos projetar para o mundo dos sonhos, que é o mundo do futuro.

Nos sonhos tudo é possível, portanto, não limite nada, sonhe.

Sonhe com a vida que imagina que terá no futuro.

Para facilitar, imagine-se daqui a dez anos.

Como é sua vida?

Como você é?

O que você faz?

Qual sua profissão?

Você acredita em quê?

Você estuda?

Como está sua situação financeira?

Você tem família? Como ela é?

Você tem amigos? Como eles são?

Você tem bens? Carro, roupas? O que mais?

Como é o trabalho que você exerce? E que significado ele tem em sua vida?

Como é a vida dos seus sonhos?

Momento de silêncio.

Agora volte para o dia de hoje. Quando abrir os olhos, estará em uma sala de aula do projeto FORMARE.

Educador, recorra às fichas produzidas na aula 6 do módulo básico que foram guardadas por você e pelos jovens.

Peça que utilizem uma folha, lápis e canetas coloridas e desenhem seus sonhos atuais. Solicite que escrevam em uma folha o que mudou, o que permanece igual ao sonho descrito nas primeiras aulas (projeto de vida).

Comente em grande grupo as constatações dos jovens:

O que mudou, permaneceu ou se ampliou, desde as aulas do Módulo Básico, em função das experiências que viveram dentro e fora do FORMARE, nestes últimos meses?



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Encerre a aula fazendo a conexão com o texto que você leu sobre o assunto, na parte referente aos sonhos. Enfatize somente o sonho, e não desqualifique de nenhuma maneira qualquer sonho que surgir. Verifique também o que mudou em relação aos conteúdos trabalhados pelos jovens nas aulas do Módulo Básico.



Esta aula dará subsídios para as demais sobre este tema. Fique atento também quanto aos sonhos proferidos pelos jovens, e principalmente se todos se permitem sonhar!

Quarta Aula

Esta aula propiciará uma reflexão a respeito da vida atual de cada jovem.

Análise da vida atual



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



10min

Disponha o grupo sentado em círculo e avise: o objetivo hoje é analisar suas vidas no presente, aqui e agora.



Passo 2 / Trabalho individual e em grande grupo / Desenvolvimento



30min

Distribua aos jovens o material de apoio que segue, explicando o sentido de cada item e pedindo que todos o preencham.

Após 15 minutos, peça que contem ao grupo as reflexões que registraram a respeito de sua vida atual.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Estabeleça relação entre a aula anterior (quando foi trabalhado o sonho dos jovens) e esta aula, que se refere à situação atual. Recorra às informações do anexo 15 e ressalte que pensar no presente é condição para desenvolver uma visão de futuro.

Análise da situação atual

Este material não será recolhido!

Nome:

Data:

Como posso definir minha vida atual?

.....
.....
.....

Quais são os pontos fortes de minha vida atual?

.....
.....
.....

O que poderia ser melhor, e que depende só de mim?

.....
.....
.....

Que papéis/funções tenho na minha vida hoje?

.....
.....
.....

Que outros papéis/funções gostaria de ter?

.....
.....
.....

Quais são minhas necessidades e desejos?

.....
.....
.....

O que mais me incomoda na minha vida atual?

.....
.....
.....

Acredito que sou capaz, e que posso mudar minha vida? Por quê?

.....
.....
.....

O que eu posso fazer para realizar os meus sonhos?

.....
.....
.....

Quinta Aula

Nesta aula os jovens iniciarão uma atividade com vistas a construir uma visão de futuro coletiva.

A construção do futuro I

Material necessário: sucatas (bolinhas de isopor, palitos de churrasco, caixas de pizza, etc.), tintas a dedo, purpurina, cordas, um lençol branco de casal, canetas coloridas, massinha, cola, tesoura, cartolinas de cores diversas, etc. *Flip chart* para anotações que deverão ser guardadas para a próxima aula.



Passo 1 / Trabalho em grande grupo / Preparação



5min

Disponha os jovens sentados, em círculo, e comente o objetivo do dia. Indique que, nas aulas anteriores, foram tratadas questões fundamentais para a construção do futuro: os sonhos e a análise da situação presente. A partir de agora, começará o detalhamento do sonho futuro.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



35min

Forme grupos para pensar em conjunto, baseando-se no que concluíram nas aulas anteriores: **Que futuro gostariam de ter?**

O grupo todo dará início à construção do futuro. Esta atividade pretende dar o primeiro passo em direção a ele, embora todos saibam que há um caminho a ser percorrido. O objetivo será projetar este caminho.

Indique que a construção do futuro se dará de forma concreta, ou seja, utilizarão de diferentes materiais disponíveis para construir o caminho que leva ao futuro, sem descuidar dos elementos que constituem a paisagem desse caminho.



Cuide para que os jovens se organizem e iniciem logo as atividades, evitando a dispersão natural que decorre de um grupo maior quando trabalha junto. Estimule a participação de todos no processo de construção do futuro!



Nos minutos finais, solicite que cada um dos participantes diga, em uma só palavra, como se sentiu ao dar início à construção do seu futuro. A pergunta poderá ser feita da seguinte forma:

Como você se sentiu no processo de construir um caminho para o futuro?

Anote as palavras no *flip chart*, ou peça que cada um a escreva.

Ao encerrar o encontro, focalize os sentimentos trazidos pelos jovens no processo de construção do futuro almejado. Destaque os movimentos de planejar e concretizar que foram desempenhados. Algumas pessoas conseguem planejar o futuro, mas fazer que ele aconteça só é possível se começarem com pequenos passos. Construir é sair do pensar e partir para o fazer. Este ato traz insegurança, medo, acomodação e uma série de sentimentos que impedem a ação e inviabilizam a construção do sonho. Avise aos jovens que haverá continuidade no próximo encontro e que o objetivo será analisar a construção do futuro, os pontos que poderão ser melhorados e aqueles que deverão permanecer para que o futuro tenha chance de se concretizar.

Sexta Aula

Nesta aula os jovens darão continuidade à construção de uma visão de futuro coletiva.

A construção do futuro II

Material necessário: *flip chart* com as anotações da aula anterior e para anotações das conclusões desta aula.



Disponha o grupo sentado em círculo e avise que esta aula concluirá o trabalho realizado na anterior, com foco na análise do processo vivido para a construção do futuro.



Passo 2 / Trabalho em grande grupo / Desenvolvimento



35min

Retome o registro dos sentimentos anotados no *flip chart* na aula anterior. Faça e solicite comentários adicionais sobre o processo vivido.

Peça que se dividam em grupos de, no máximo, 5 pessoas, com o objetivo de analisar o que melhorariam no processo de construção do caminho de futuro. Oriente-os a destacar os pontos fortes que julgam terem feito diferença para o planejamento do futuro. Dê 20 minutos para a realização do trabalho.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Apresente os resultados dos grupos para a classe com o seguinte título: *Melhorias no processo de construção do futuro e Pontos fortes na construção do futuro*.

Conclua colocando em discussão os pontos elaborados, com vistas a obter consenso entre os grupos.

Discuta com eles sobre o fato de que, embora o futuro de cada um nesta etapa final do FORMARE se construa de forma individual, o fortalecimento do grupo se dá pelo exercício das trocas. Reforce os pontos considerados fundamentais para que os jovens consigam construir um caminho sólido em busca de seu futuro. Escreva no *flip chart*:

- Capacidade de **lidar com os obstáculos** de forma positiva;
- **Flexibilidade** para fazer mudanças de rumos em função do cenário existente;
- **Persistência** para não esmorecer diante do longo caminho;
- **Vontade** para dar o primeiro passo, depois o segundo;
- (acrescente outros que os jovens queiram ver ressaltados).

Sétima Aula

Nesta aula será construído um plano de ação futura individual.

Plano de ação futura individual

Material necessário: cópias do *Plano de Ação* para todos os jovens.



Passo 1 / Trabalho em grupo / Preparação



5min

Disponha o grupo sentado em círculo e indique o objetivo do encontro: construir um plano de ação sobre o futuro que cada um deseja ter: **O futuro começa hoje, e dependerá de nossas primeiras ações!**



Passo 2 / Trabalho individual / Desenvolvimento



35min

Solicite que cada jovem preencha o material de apoio que segue. Diga que, para cada objetivo, pode haver vários procedimentos (diferentes estratégias para atingi-lo), e quanto melhor descritos forem, mais fácil será a sua realização.



Passo 3 / Trabalho em grande grupo / Fechamento



10min

Aguarde a conclusão de todos e solicite comentários quanto ao plano de ação e aos sentimentos envolvidos durante o preenchimento. Conclua o trabalho dizendo que, para este plano de ação funcionar, como o próprio nome diz, é preciso que ele saia do papel. Recorra ao anexo 15 – Visão de Futuro, que contém outras sugestões para o fechamento.



Recolha uma cópia do material e se comprometa a devolvê-la, decorrido algum tempo da conclusão do Curso (os jovens mesmos a envelopam, endereçam e fecham). Os jovens, assim, poderão avaliar a concretização seu projeto. Nesse caso, será interessante precisar, no plano de ação, como eles pretendem estar em relação ao plano que elaboraram, "daqui a 6 meses, daqui a um ano, daqui a 5 anos, daqui a 10 anos...".

É uma interessante maneira de acompanhamento de egressos, desde que, após o recebimento da carta, eles possam dar alguma devolução ao Curso (nesse caso a carta seria aberta e, ao ser devolvida, acrescentaria um questionário de acompanhamento).

Plano de ação

Nome:

Data:

1 – Objetivo

2 – Estratégias para realizá-lo

a)

b)

c)

d)

e)

3 – Primeiro passo para atingir cada um dos meus objetivos

4 – Data de início

a)

b)

c)

d)

e)

5 – Que tipo de ajuda externa precisarei para atingir meus objetivos?

6 – O que depende só de mim?

Gabarito do exercício

Verdadeiro ou falso

Para a correção, leia para os jovens algumas frases ou trechos do Texto 4. É interessante também, levar para a sala de aula jornais, revistas e artigos da internet que tragam dados do mercado de trabalho, como por exemplo as revistas *Você S/A* e *Exame* ou os sites www.iets.org.br, www.ciee.org.br, www.catho.com.br, www.gelre.com.br, www.ibge.gov.br (população/educação e trabalho).

	V ou F
1. Ser curioso demais atrapalha o profissional (anexo 7 - p. 145)	F
2. O desemprego está em alta. (texto "O mercado de trabalho atual" - p. 36)	V
3. O mercado de trabalho informal é perigoso e ilegal. (texto "O mercado de trabalho atual" – p. 38)	F
4. Sobram vagas para certos postos de trabalho. (texto "O mercado de trabalho atual" – p. 36, itens h, j)	V
5. Surgem novos tipos de profissões. (texto "O mercado de trabalho atual" – p. 36, item k)	F
6. Para trabalhar como operário na linha de produção, não é preciso saber trabalhar em grupo. (texto "O mercado de trabalho atual" – qualificação e aperfeiçoamento profissional – p. 36 e 37)	F
7. O número de desempregados entre os jovens é maior do que na população adulta. (anexo 7 - p. 145)	V

Referências

- BLOCH, Vicky, em entrevista sobre Mercado de Trabalho, concedida a Lillian Witte Fibe em 21/01/2005, disponível no *site* noticias.uol.com.br/uolnews/economia/entrevistas/2005/06/24/ult2621u223.jhtm
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. Rio de Janeiro: Global, 2000.
- CORROCHANO, Maria Carla; WRASSE, Dílson. **Elaboração de projetos: guia para jovens**. São Paulo: Ação Educativa, 2002.
- CUSHINIR, Luiz. **Homem: um pedaço adolescente; Adolescente: pedaço de homem**. São Paulo: Saraiva, 1994.
- DATNER, Yvette. **Jogos para educação empresarial**. São Paulo: Agora, 2006.
- DAVIS, Flora. **Comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.
- FERNANDES, Millôr. **Fábulas fabulosas**. Rio de Janeiro: Record, 1964.
- GEHRINGER, Max. O amanhã será assim. **Revista Você** Ed Abril, julho de 2002.
- GONÇALVES, C.S. (org.). **Lições de psicodrama**. São Paulo: Agora, 2004.
- MAGALHÃES, Dulce. **Visão estratégica**. Disponível no *site* www.empregos.com.br/index.asp
- MINARELLI, José Augusto. **Empregabilidade, o caminho das pedras**. São Paulo: Gente, 1995.
- MIRANDA, Simão. **Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários**. Campinas: Papirus, 1996.
- MORENO, J.L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- Perfil da Juventude Brasileira, Projeto Juventude/Instituto Cidadania, Sebrae e Instituto de Hospitabilidade, realizada pela Criterium Assessoria em Pesquisas, disponível no *site* www.icidadania.org.br
- PIGOZZI, Valentina. **Celebre a autonomia do adolescente: entendendo o processo de iniciação na vida adulta**. São Paulo, Editora Gente, 2002.
- PILARES, Nanci Capel. **Atendimento ao cliente: o recurso esquecido**. São Paulo: Nobel, 1999.
- SAVATER, Fernando. **Ética para meu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SCLIAR, Moacyr. **A massagista japonesa**. Porto Alegre: L&PM, 1982.
- SERRÃO, Margarida; BOLEIRO, Maria C. **Aprendendo a ser e a conviver**. São Paulo: FTD, 1999.
- SILVA, Adriano. **E agora, o que é que eu faço?** São Paulo: Alegro, 2002.
- SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.
- VEJA, Edição Especial Jovens, nº 32, ano 37, jun de 2004, Editora Abril.
- WAISELFISZ, J. Jacobo (Coord). **Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003**. Brasília: UNESCO, 2004.
- www.bbcbrasil.com
- www.catho.com.br
- www.ciee.org.br
- www.dancaderua.com.br
- www.gelre.com.br
- www.ibge.gov.br (população/educação e trabalho)
- www.iets.org.br
- www.josepastore.com.br/artigos/emprego/076.htm
- www.mol.org.br
- www.movimentohiphop1.hpg.com.br
- YOZO, Ronaldo. **100 jogos para grupos**. São Paulo: Ágora, 1996.

Anexo 1

Fundamentos básicos do trabalho coletivo

O educador e seu grupo também são elos de uma corrente. Ao trabalhar as temáticas com o adolescente, o educador se trabalha. Neste processo, os caminhos individuais se entrelaçam, permitindo que olhos, ouvidos e mãos se unam no esforço comum de traçar caminhos, ampliar horizontes, escutar além das palavras, desvelar sentimentos.

Dentro e fora, próxima e distante, indivíduo e grupo, educador e alunos. Elos que se fortalecem na vivência e na convivência. Reconhecendo em si, no outro, no grupo, na comunidade, no país, no mundo, no universo o mesmo princípio – o pulsar da vida.

Margarida Serrão e Maria C. Bolleiro

O que é um grupo?

Grupo pode ser definido como uma configuração social onde estão inseridas pessoas que têm um objetivo comum. Não basta estar próximo de outras pessoas para formar um grupo; é preciso existir a necessidade de fazer parte, estar incluído. O homem é um ser social, busca a aproximação, o contato, o compartilhamento com outras pessoas. Esta é uma de suas principais características. Na adolescência, os grupos deixam de ter a marca predominantemente familiar e se constituem por vínculos de amizade.

O início de um grupo

Para que um grupo comece a se formar, é necessário que as pessoas percebam o que têm em comum, comecem a se conhecer, se identificar, para poderem, finalmente, compartilhar. Por isso, para fazer parte de um grupo, cada um precisa sair de seu mundo particular e começar a observar o outro, o que possibilita que assumam objetivos comuns, se socializem.

No coletivo, as metas a serem atingidas devem ser claras; dúvidas e conflitos precisam ser sanados sempre, para que cada um possa se identificar e ser identificado com o grupo. É assim que se realiza um processo de inclusão.

As diferenças entre as pessoas

Os grupos são freqüentemente coordenados por líderes. Para coordenar grupos, é importante estar atento às diferenças individuais. Todas as pessoas não são iguais: há os falantes, os quietos, os pensativos, os que fazem várias perguntas, entre outras características. Tais diferenças dão colorido ao grupo e o caracterizam. Lidar com pessoas iguais, que pensem de um mesmo jeito, pode até parecer mais simples, porém é a diversidade que amplia e enriquece o aprendizado.

O foco

Em situação de aprendizagem, é freqüente que o coordenador de um grupo seja o educador. Na coordenação de um grupo, é importante que o foco a ser atingido seja mantido, sob pena de prejudicar todo trabalho. Cada uma das aulas da disciplina *Relacionamento* tem focos específicos e um conteúdo que subsidia objetivos a serem alcançados, bem como sugestão de bibliografia que dá suporte ao assunto abordado. Tais fatores investem no bom resultado dos

encontros do educador com seu grupo, mas não podem prescindir de planejamento prévio, capaz de valorizar a eficácia do educador perante o grupo e seus objetivos.

Conduzindo o grupo

Conhecer os conteúdos da disciplina é de fundamental importância para que seus objetivos sejam atingidos. Entretanto, além de aspectos intelectuais, o educador também precisa ser capaz de possuir afeto, desejo real de fazer com que o grupo aprenda, e total envolvimento com o que está sendo vivenciado. Essas características habilitam-no a se tornar um adulto de referência para os jovens, e é sabido que se aprende muito mais com as pessoas que se admira.

Para coordenar um grupo, é necessário estar atento à sua dinâmica de funcionamento. Os grupos diferem entre si e merecem tratamento diferenciado por parte de seus coordenadores. A atenção do educador deve estar dirigida para as atitudes dos participantes: se estão envolvidos ou não, se há perguntas (quando forem repetitivas, pode ser sinal de que o conteúdo não está claro para todos), se há interesse expresso no olhar, na postura corporal de cada um.

Caso perceba que existem jovens apenas de corpo presente, com a cabeça em outro lugar, procure inseri-los novamente no grupo, pergunte-lhes algo, converse com eles.

Desestímule conversas paralelas, que atrapalham o ouvir grupal e tiram o foco do objetivo principal. Mantenha a atenção de todos com bom humor, com explicações curtas entremeadas de perguntas, proponha inferências e procure aproveitar os assuntos que mobilizam os jovens para ilustrar as situações de classe, pois elas dão significado às aprendizagens. Conduzir um grupo significa manter um clima de confiança para que todos contribuam com a construção de conhecimentos.

Convém ainda ressaltar que as pessoas têm ritmos e motivações diferentes para aprender. É preciso estar atento a cada um e valorizar as opiniões dos próprios jovens para que eles mesmos façam inferências e procurem dar explicações sobre o conteúdo abordado, investindo na construção compartilhada de conhecimentos significativos.

Também é preciso lembrar que as pessoas têm saberes adquiridos durante a sua vida, em diferentes espaços. O jovem, apesar da idade, é hoje bem informado, e aquilo que eles sabem poderá ser elemento catalisador do aprendizado. Ensinar não significa “despejar” tudo o que se sabe sobre um assunto, mas estimular, através de desafios, a participação de todo o grupo.

No ensino tradicional, o professor expunha tudo o que sabia e os alunos ouviam passivamente; hoje já se constatou que só se aprende de fato ao contribuir ativamente para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Anexo 2

Dicas para facilitar o desenvolvimento das atividades

Aprendemos melhor quando os educadores são afetivos e próximos, mas não é só porque o educador é afetivo que aprendemos.

ONG – Espaço de convivência

Rotina – Como o funcionamento das aulas de *Relacionamento* difere das outras disciplinas da grade curricular, é importante que o educador leve isso em consideração e prepare os jovens para participarem do contexto grupal. Reserve sempre os primeiros 10 minutos da aula para anunciar os objetivos e conceitos que vão ser trabalhados, indique a natureza mais vivencial da programação. Se for o caso, combine e partilhe com os jovens uma espécie de "ritual de início". Por exemplo, as aulas sempre começarão com uma música, um poema, uma atividade de relaxamento ou simplesmente com cada aluno dizendo, em uma frase, como foi sua semana. A opinião e as características do grupo orientarão o educador na escolha do tipo de ritual. Por exemplo, um grupo agitado pode se acalmar com relaxamento; um grupo apático pode se animar com músicas alegres, etc.

Sigilo – É importante estabelecer um acordo de sigilo sobre o que é comentado e vivenciado durante as dinâmicas. Somente quando há um clima de confiança é possível desenvolver as atividades de forma verdadeira. Enquanto se constituem como grupo, o comprometimento com o sigilo é fundamental e, ao longo do curso, todos deverão cuidar para que ele seja mantido, de modo a consolidar a confiança e formar vínculos mais duradouros.

Anexo 3

Sugestões de atividades para integração e consolidação do grupo

Sugestão 1 – Jogo dos nomes

Material necessário: papel sulfite, lápis, borracha e lápis de cor ou de cera ou canetas coloridas.

Trabalho em grupo / Preparação – 5 min

Disponha o grupo em círculo, de pé e diga aos jovens que, primeiramente, eles farão uma atividade individual, para a qual é importante concentração e silêncio. Distribua uma folha sulfite para cada aluno e deixe disponível, em local de fácil acesso para todos, lápis, borracha, lápis de cor, de cera ou canetinhas.

Trabalho individual / Desenvolvimento – 20 min

Pergunte se eles sabem a origem do nome que têm. Peça que não respondam no momento, mas solicite que rememorem, silenciosamente, a história de seu nome.

Solicite que cada um desenhe a história de seu nome. Aqueles que disserem que não sabem a história ou "não há história", solicite que imaginem, ou que desenhem algo que represente seu nome. Sugira que ocupem qualquer recanto da sala, onde possam se sentir à vontade.

Trabalho em grande grupo / Partilha – 15 min

Quando todos terminarem, peça ao grupo para retornar ao círculo e, em seguida, propicie a partilha da etapa anterior: cada um mostra seu desenho e conta a história do nome.

Exposição do educador / Fechamento – 10 min

Seu comentário final abordará a questão do acolhimento ao outro, dizendo que este grupo só será legal se todos se respeitarem e se for possível construir confiança mútua. É essencial o respeito àquilo que o outro traz ao grupo, sua história de vida, seus sentimentos, seus desejos e sonhos. Fique atento para que os jovens não se estendam em conteúdos extremamente pessoais, pois não é este o objetivo.

Para facilitar sua integração ao grupo de jovens, na partilha conte também a história de seu nome. Feche a atividade falando sobre as características das aulas de *Relacionamento* presentes no texto de apoio da primeira aula sobre sigilo e ritual.



É fundamental a integração de cada um no grupo. O foco dessa atividade é proporcionar e facilitar que todos encontrem seu espaço dentro da diversidade do grupo.

Sugestão 2 – Jogo Formare em objetos

Material necessário: Reúna pelo menos 20 pequenos objetos escolhidos aleatoriamente (chaveiros, objetos de decoração, etc.). Não é preciso trazê-los de casa, você pode juntá-los no próprio ambiente de trabalho: grampeador, clips, canetas, borrachas, cds, disquetes, chaves, ferramentas, objetos de secretaria ou papelaria, etc., ou até mesmo solicitar que os jovens encontrem um objeto entre os seus pertences.

Trabalho em grande grupo / Preparação – 5 min

Disponha o grupo em círculo, sentado e indique que vão conversar sobre a participação no Formare.

Trabalho individual / Desenvolvimento – 10 min

Espalhe os vários objetos no centro do círculo e solicite que cada jovem escolha um objeto que represente o significado do projeto Formare para si. É importante deixá-los escolher com calma e pedir que façam silêncio durante a escolha. Se dois ou mais alunos optarem pelo mesmo objeto, não há problema, pois cada um atribuirá um sentido diferente para a escolha. Incentive a originalidade e desestimule as respostas muito semelhantes.

Trabalho em grande grupo / Partilha – 20 min

Nessa etapa, cada um fala sobre sua escolha. Lembre-se que qualquer objeto pode trazer conteúdo interessante. Exemplos: "o projeto traz união assim como o grampeador une"; "lanterna: uma luz de trabalho para a gente".

Exposição do educador / Fechamento – 15 min

Seu comentário deverá abordar aspectos relativos à força do coletivo, às diferenças e contribuições de cada um para um objetivo comum, e ao fato de o resultado ser mais significativo que a simples soma das partes (sinergia).

Cada um escolheu um objeto, trouxe um ponto de vista diferente a respeito de um curso que reúne todos em torno de um projeto comum. Reafirme que o grupo só será legal se todos se conhecerem, se respeitarem e se for possível construir um espaço onde todos são aceitos com suas características, potenciais, limites e dificuldades. O Formare terá a marca da turma e permanecerá para sempre na memória de todos os educadores e colaboradores desta empresa.

Anexo 4

Estratégias para formação de subgrupos¹

Jogo: Descobrimo a quem pertence (duplas)

Detalhamento:

1. Divida o grupo em duas metades;
2. Solicite que uma metade do grupo entregue a você um objeto de uso pessoal;
3. Misture os objetos e distribua-os pela outra metade, que deve sair à procura de seus donos.
Não é permitido falar;
4. Ao encontrar o dono do objeto recebido, forma-se um par.



Além de formar pares, este jogo trabalha as relações no grupo. Você pode utilizá-lo quando sentir necessidade de maior integração entre os seus participantes.

Jogo: O tamanho das mãos (duplas)

Detalhamento:

1. Diga ao grupo que caminhe à vontade pela sala;
2. Cada um deverá procurar um par cujas mãos tenham o mesmo tamanho que as suas.

Varição: Esta técnica pode variar o que deverá ser semelhante: altura, tamanho dos pés, etc.



Este jogo faz uso de mãos que se encontram e, portanto, tem também o objetivo de propiciar o contato corporal, que facilita a aproximação entre os membros do grupo. Se você achar que pode causar alguma agitação entre meninos e meninas, use, por exemplo, um critério de altura. O jogo é indicado, de preferência, nos momentos iniciais do grupo, quando se busca a formação do vínculo afetivo, e repetido sempre que houver necessidade de formar duplas, de aproximar os participantes, ou mesmo como forma de avaliar as relações.

Jogo: Pelo olhar (duplas)

Detalhamento:

1. Disponha o grupo em círculo, de pé;
2. Solicite que se olhem até escolher um par. Deverão chamar o escolhido pelo olhar, não é permitido falar. Caso haja concordância do escolhido, oriente para que se aproximem, permanecendo frente a frente, presos pelo olhar;
3. Diga que, caso a pessoa escolhida já esteja com um par, é possível tentar conquistá-la, interpondo-se entre a dupla e convidando-a a trocar de parceiro, sempre pelo olhar;
4. Aquele que sobrar na disputa, buscará outro par, até que todas as duplas estejam formadas. Portanto, esta dinâmica só deve ser aplicada quando o número de participantes for par.



Esta dinâmica envolve questões que tocam pontos profundos, como escolher, ser escolhido, rejeitar, ser rejeitado, lutar pelo que se deseja, etc. Por isso, é importante que, no final, você abra espaço para os comentários do grupo sobre os sentimentos vividos e esteja atenta à expressão dos jovens. É interessante utilizá-la como aquecimento, associada a dinâmicas que trabalhem relações interpessoais no grupo.



¹ SERRÃO, Margarida; BOLEIRO, Maria. *Aprendendo a ser a conviver*. São Paulo: FTD, 1999.

Jogo: Fila por ordem alfabética

Detalhamento:

1. Peça que o grupo faça uma fila pela ordem alfabética da inicial de seu nome, o mais rápido possível;
2. Quando a fila estiver pronta, verifique se está correta;
3. Forme os subgrupos, separando o número de componentes que deseja pela ordem da fila.
Exemplo: os cinco primeiros, os cinco subseqüentes e assim por diante.

Varição: a fila pode ser formada seguindo outros critérios, por exemplo: mês de aniversário (de janeiro a dezembro), altura (do menor ao maior), etc.

Jogo: A família dos animais

Detalhamento:

1. Distribua cartões para os participantes do grupo. Em cada cartão está escrito o nome de um animal. Conforme o número de componentes que se deseja no subgrupo, repete-se o mesmo número de cartões com o mesmo animal;
2. Depois que todos estiverem de posse do cartão, peça que andem pela sala (pode ser ao som de uma música), procurando seus iguais;
3. Para encontrar seus iguais, ao se aproximar de um companheiro, o jovem fará o som do seu animal;
4. Quando todos estiverem se encontrado, os subgrupos estarão formados.

Jogo: Caixa de cartões

Detalhamento:

1. Prepare uma caixa de cartões com várias formas básicas: círculos, triângulos, quadrados, retângulos;
2. Faça estas formas em três tamanhos (pequeno, médio e grande) e quatro cores (azul, verde, vermelho e amarelo);
3. Utilize as diversas combinações entre formas, tamanhos e cores para dividir o grupo em subgrupos, como, por exemplo:
 - distribuir as figuras e dividir o grupo pela forma – os círculos, os triângulos, os quadrados, os retângulos;
 - distribuir os círculos e dividir o grupo em três subgrupos pelo tamanho da figura – círculos pequenos, círculos médios, círculos grandes;
 - distribuir todos os tipos de figura e dividir o grupo em quatro subgrupos pela cor – figuras vermelhas, figuras amarelas, figuras azuis e figuras verdes;
4. De acordo com o número de subgrupos que deseja, faça diversas combinações, usando atributos combinados: triângulos pequenos azuis, quadrados grandes amarelos, retângulos verdes médios, etc.

Jogo: Subdivisão com música

Detalhamento:

1. Diga que, quando a música iniciar, todos devem se movimentar pela sala seguindo seu ritmo;
2. Faça uma parada na música;
3. Solicite que, quando a música parar, “congelem” na posição que estiverem;
4. Solicite que formem duplas com a pessoa mais próxima;
5. Para formar quartetos, coloque a música novamente e faça outra parada;
6. Solicite que as duplas se juntem em quartetos e assim por diante.

Jogo: Sussurrando palavras

Detalhamento:

1. Disponha o grupo em círculo, de pé;
2. Passe de um em um, sussurrando ao ouvido de cada aluno do grupo uma palavra-chave relacionada com o tema da atividade que será realizada;
3. O número de palavras precisa ser correspondente ao número de subgrupos que se deseja formar. Por exemplo, para uma atividade cuja temática seja "mundo do trabalho", com a classe dividida em cinco subgrupos, o facilitador poderia escolher cinco palavras como: emprego, desemprego, salário, empresa, mercado informal;
4. Depois, os jovens se movimentam pela sala, sussurrando sua palavra no ouvido dos demais, até encontrar seus parceiros.



Esta dinâmica de sussurrar palavras pode desencadear "outros recados" fora do jogo. Esteja atento e conduza o grupo para o foco da aula.

Jogo: Números ou nomes

Detalhamento:

1. Disponha o grupo em círculo, sentado ou de pé;
2. Conforme o número de subgrupos que deseja formar, distribua oralmente, para cada integrante, um número. Exemplo: para formar cinco subgrupos, são distribuídos números de 1 a 5 pelo grupo, em seqüência. Todos os participantes que receberam o número 1 formam um subgrupo, os que receberam o número 2, outro, e assim por diante.

Variação: substitua a categoria "número" por nomes de uma classe de objetos, como flores, cores, etc.

Jogo: Caixinha – surpresa

Detalhamento:

1. Prepare uma série de cartões com ações que envolvam movimento, como: digitar no computador, varrer a casa, jogar futebol, tocar violão, lavar louça, soltar pipa, etc.;
2. De acordo com o número de participantes que deseja em cada subgrupo, calcule o número de cartões com uma mesma ação. Exemplo: se cada subgrupo tiver seis elementos e forem cinco subgrupos, são necessários cartões com cinco ações diferentes, sendo que cada ação aparecerá repetida em seis cartões. Logo, ao todo, serão preparados 30 cartões com cinco ações, cada uma repetida seis vezes;
3. Solicite que cada participante retire um cartão da caixinha-surpresa, sem mostrá-lo a ninguém;
4. Quando todos tiverem sorteado o seu cartão, peça que se movimentem pela sala, executando a ação que cabe a cada um, procurando as pessoas que realizam ação semelhante à sua.

Anexo 5

O que é uma empresa?

Um dos espaços que o jovem tem para expressar suas tendências é dentro do ambiente empresarial, bastante diferente dos demais ambientes em que está acostumado a conviver, como a escola, festas, rua, lanchonetes, danceterias, etc.

O jovem tenta aproximar-se de pessoas parecidas com ele e forma a sua turma, aqueles que basicamente têm a mesma idade, linguajar e formas de vestir. A empresa pertence a dois mundos diferentes: é um foco de reunião de adultos e órbita em torno do trabalho.

Num primeiro momento o jovem pode estranhar este novo mundo, e precisará de ajuda para adaptar-se a ele. Uma empresa tem suas próprias regras, sua cultura e seus costumes. Apesar de haver, dentro da maioria dos ambientes empresariais brasileiros, espaço para convivência social, quem está dentro de uma empresa lá está para trabalhar, produzir algo, mostrar sua competência e desta forma colaborar com os objetivos e resultados da mesma.

O educador deverá sempre orientar o jovem sobre o ambiente em que está inserido, de forma a trazê-lo para esta nova realidade.

A definição de empresa

Empresa é toda organização pública ou privada cujo principal objetivo é gerar resultados. Resultados podem ser lucros para os acionistas da empresa como também serviços à comunidade, como no caso das empresas filantrópicas ou ainda sem fins lucrativos, como algumas instituições de ensino.

Vivemos na era das organizações complexas. Todos, de uma maneira ou de outra, dependem de uma grande empresa para viver, seja porque presta serviços ou porque trabalha na mesma. Quem define as regras sobre a maneira como as empresas irão trabalhar é o mercado, que está a cada dia mais competitivo, e com uma quantidade enorme de produtos e serviços. Esta demanda faz com que as empresas busquem se diferenciar de seus concorrentes através de produtos e serviços que invistam na fidelidade do consumidor.

Toda a empresa tem um negócio, aquilo que ela produz ou vende para a população. Há empresas que fazem ônibus, outras roupas, alimentos, prestam serviços hospitalares, bancários, etc.

O jovem que almeja trabalhar numa empresa necessita conhecer alguma coisa a respeito do tipo de negócio em que a empresa está envolvida. É importante também que ele saiba um pouco sobre sua história e seus costumes: o tempo que está no mercado, quem são os seus principais concorrentes, que regras orientam seu funcionamento.

A maneira como as áreas se comunicam formalmente delineiam o organograma da empresa. Ele precisa ser conhecido pelo jovem FORMARE, já que cada área tem sua finalidade específica, seus procedimentos e sua forma de contribuir para o cumprimento de metas. De posse dessas informações, será mais fácil entender os princípios e regras básicas de um ambiente de produção, administração ou serviços e, conseqüentemente, qual a melhor conduta a seguir nesse contexto completamente novo para ele.

Anexo 6

O que é ser jovem hoje?

Conhecer quem é o nosso aluno, é vital para o desenvolvimento do trabalho. Então é preciso se debruçar, sem pré-conceitos, nas questões da adolescência e juventude da época atual.

Ser educador de jovens implica estar aberto para compreender novas formas de viver, sem julgamento de valor moral.

Antes de falar sobre as características da adolescência e como é o adolescente atualmente, é importante ressaltar como surgiu o conceito de adolecer.

A adolescência é um período relativamente novo na história da humanidade. O homem primitivo era lançado diretamente da infância para a vida adulta, sem passar por uma fase preparatória.

O início da vida adulta significa, entre outras coisas, a introdução ao mundo do trabalho. Antigamente, o trabalho exercido pelo homem não necessitava de uma longa preparação, por isso a passagem era rápida e geralmente acompanhada por rituais que marcavam este momento de transição.

Com o tempo, o trabalho foi se sofisticando, e a forma como o entendemos hoje teve início com a Revolução Industrial, na Europa no século XIX. A palavra adolescência teve origem naquela época, e deriva do inglês *do less* (fazer menos). Baseia-se no fato de que os adultos jovens rendiam menos no trabalho das indústrias, não agüentavam a jornada e dormiam. Eram distraídos e acabavam sofrendo e provocando acidentes, enfim faziam menos que os outros.

Depois os “quase adultos” deixaram de trabalhar nas indústrias por causa dos motivos citados acima, porém seus pais, inclusive as mães, que antes da Revolução Industrial não trabalhavam fora de casa e eram responsáveis pelo cuidado deles, continuaram a trabalhar em jornadas longas. Conseqüentemente os jovens não tinham o que fazer e ficavam pelas ruas. Acredita-se também que surgiu naquela época o conceito de delinqüência juvenil, e depois as primeiras experiências de escolas e o treinamento para o trabalho.

O homem moderno ingressa na maturidade através de um longo processo. O conceito da adolescência se consolida e vai se prolongando na medida em que a cultura da humanidade evolui. Principalmente no que se refere às formas de produção, que quanto mais elaboradas e pautadas na tecnologia, mais necessitam de que o homem se dedique a aprender como funcionam. Desta maneira, a adolescência ganha um papel de destaque na atual cultura tecnológica.

Já que o período de adolecer é um fato na nossa sociedade, como saber quando ele se inicia? É do senso comum acreditar que as mudanças físicas da puberdade inaugurem a adolescência, por volta dos 12 anos. Mas esta sincronia não é tão exata. É claro que as mudanças no corpo interferem no processo de reconhecimento da própria identidade, mas não garantem que se comece a entrar em contato com uma experiência de reflexão irreversível, que caracteriza a saída da infância.

A adolescência, além de introduzir a questão do trabalho, inaugura definitivamente a existência de um passado. O jovem adquire a noção do tempo, pois agora sua vida não é mais um eterno presente e o futuro ainda está por vir. A vivência adolescente é etérea, a sensação de que “tudo vai ser e ainda não é”, gera muita ansiedade, que é uma das características mais típicas de um período de transição como esse.

Em algumas tribos indígenas, a chegada da puberdade leva os jovens a uma reclusão de aproximadamente um ano, onde ficam isolados da convivência com a família e comunidade, totalmente sozinhos, até que são considerados preparados para retornar ao mundo. A fase da adolescência substitui os antigos rituais de passagem e, assim como este, representa o período de maior transformação mental do desenvolvimento humano. A solidão é outra característica típica da adolescência, e estes povos indígenas souberam sabiamente representar este sentimento num ritual.

E quando a adolescência chega ao fim? A idade não é determinante, e o jovem pode ser considerado psicologicamente um adulto quando completa quatro passos básicos. O primeiro passo é a separação psicológica da família de origem. Depois vem a capacidade de assumir seu papel social na coletividade, a possibilidade de relacionamentos conjugais com estabilidade de vínculo e a independência econômica.

Assumir o papel adulto na sociedade, tanto no plano pessoal quanto no profissional, é um processo gradativo, que se estende, aproximadamente, dos 15 aos 24 anos.

Em alguns momentos costuma-se fazer referência à adolescência e, em outros, à juventude. No senso comum, os dois termos são sinônimos, mas num estudo mais cuidadoso, é possível considerar a seguinte diferença:

Os alunos Formare têm entre 15 e 17 anos, portanto, estão no início deste processo.

"Há distinção entre juventude e adolescência no que se refere aos aspectos sociais, culturais e emocionais. O termo juventude tem um sentido dinâmico e coletivo, e nos remete a um segmento populacional que faz parte de uma determinada sociedade, ao passo que a adolescência nos conduz a um aspecto mais relacionado ao plano individual e demarcado cronologicamente." (WAISELFISZ, 2003).

Como educador, é preciso estar atento às duas dimensões: adolescência e juventude. É importante entender que cada aluno é um indivíduo que vive um período de profunda transformação física e psicológica, e que as turbulências fazem parte deste momento da vida.

Por trás deste turbilhão de sentimentos e idéias que é o adolescente, está a invasão de hormônios sexuais. Os hormônios trazem a mudança do corpo em forma e tamanho, o que leva o jovem a ter que se reconhecer novamente, e se relacionar de uma outra forma com ele mesmo. Assim, o processo de reconhecimento da própria identidade começa com as mudanças físicas, e permeia toda a adolescência. Na verdade, o limite daquilo que é hormonal ou psíquico é muito sutil. O fato é que as transformações, visíveis e invisíveis, são a essência da vivência juvenil.

Estas características não são necessariamente negativas, já que a inquietação, a exploração de limites e o espírito contestador do jovem foram, e continuam sendo, responsáveis por grandes mudanças na história da humanidade. Todo educador que se dispõe a estar com os jovens deve considerá-los em uma fase especial e aproveitar isso para se renovar, reavivar seus conceitos e crenças e re-aprender com eles. Nessa etapa, a educação e os exemplos de vida das pessoas que convivem com o jovem são referências para a constituição de seu papel adulto.

Por outro lado, é essencial saber qual é o perfil da juventude brasileira. Na verdade, "tem sido recorrente a importância de se tomar a idéia de juventude em seu sentido plural – juventudes –, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os indivíduos nessa etapa do ciclo de vida" (SPOSITO, 2003).

Falamos em juventudes, pois não existe apenas uma forma de ser jovem. A condição e a cultura juvenis apresentam uma diversidade de características, além daquelas influenciadas pela classe social, gênero, etnia, região geográfica, entre outros. Além disso, cada grupo tem seu jeito, regras e preferências.

O Formare abrange todo o Brasil, e seus alunos vivem em culturas regionais muito diferentes.

Cada segmento social apresenta um novo contexto para o jovem, onde ele irá encontrar um outro espaço e definir novos papéis e atribuições.

A sociabilidade se dá especialmente entre os próprios adolescentes. É com os seus iguais que o adolescente busca descobrir a si mesmo; estão todos experimentando e juntos adquirem conhecimento. "O adolescente não define sua identidade sozinho. É no grupo e em suas reivindicações nas relações sociais que o adolescente constrói sua identidade" (CUSHINIR, 1994).

Nos pequenos grupos de iguais, os jovens vivenciam uma "microsociedade", com costumes relacionados a hábitos e comportamentos, roupas, estilo de música, etc. Alguns autores, e principalmente a mídia, denominam estes grupos de *tribos*, *galeras* ou *ganges*, às vezes em tom pejorativo e ressaltando o potencial de violência dos jovens quando estão agrupados. Realmente o grupo potencializa o indivíduo em todos os aspectos, porém os casos de violência praticados pelas *ganges* são exceções, pois os agrupamentos são vivências positivas.

As "tribos e *ganges*", com suas regras específicas, seguidas até com certo rigor, são um laboratório para a convivência no mundo adulto, que é composto essencialmente de regras. As relações com companheiros (do mesmo sexo e do sexo oposto) durante a adolescência servem como padrão de referência para as relações adultas.

É também nestes grupos que os jovens vivem, pela primeira vez, forte laço afetivo com pessoas fora de seu núcleo familiar. Eles experimentam a amizade, e muitas vezes o "amigo íntimo" ganha o papel mais importante em sua vida, com quem podem falar abertamente de seus problemas e compartilhar seus sentimentos. Os amigos, especialmente aqueles do mesmo grupo, se tornam modelos de papéis alternativos, diferentes das figuras parentais, e com a vantagem de serem iguais, portanto, a liberdade para errar é maior e o medo da rejeição é menor.

É claro que também existe o medo da rejeição do grupo, mas o jovem pode mudar de grupo a qualquer hora, pode experimentar outros até encontrar um grupo mais próximo, mais acolhedor. Para Moreno, este movimento é muito saudável e ele chama de escolha sociométrica, isto é, cada indivíduo se adapta, mais facilmente, a um tipo de grupo. A inadequação não é sintoma de desajuste psicológico, mas é sinal de que aquela pessoa não se identifica com aquele grupo. Esta liberdade de escolha não pode ser aplicada à família. A angústia e o sentimento de rejeição são elevados no núcleo familiar enquanto que, no grupo de iguais, o ambiente de aceitação é mais favorável.

Deste modo, o grupo é um espaço extremamente importante para o adolescente, onde as experiências vividas serão parte essencial da formação de sua identidade adulta.

Quantos são os jovens brasileiros

Quando se fala em população brasileira, a juventude representa uma parcela bastante significativa. O último Censo Demográfico, realizado no ano de 2000, mostra que a faixa etária entre 15 e 19 anos apresentava o maior índice populacional (10,5 % – Tabela 1) em comparação com outras faixas de idade. Além disso, a porcentagem de população jovem foi a maior já registrada no Brasil.

Tabela 1

População por grupo etário e sexo, de acordo com o censo 2000 (em milhões e porcentagem)

Grupo etário	Sexo masculino	Sexo feminino	Total (milhões)	Total (porcentagem)
0 a 4	8,3	8,1	16,4	9,7 %
5 a 9	8,4	8,2	16,6	9,8 %
10 a 14	8,8	8,6	17,4	10,2 %
15 a 19	9,0	8,9	17,9	10,5 %
20 a 24	8,0	8,1	16,1	9,5 %
25 a 29	6,8	7,0	13,8	8,1 %
30 a 34	6,4	6,7	13,0	7,7 %
35 a 39	6,0	6,3	12,3	7,2 %
40 a 44	5,1	5,4	10,5	6,2 %
45 a 49	4,2	4,5	8,7	5,1 %
50 a 54	3,4	3,6	7,1	4,2 %
55 a 59	2,6	2,9	5,5	3,2 %
60 a 64	2,2	2,5	4,6	2,8 %
65 a 69	1,6	1,9	3,6	2,1 %
70 a 74	1,2	1,5	2,8	1,7 %
75 a 79	0,8	1,0	1,8	1 %
80 ou mais	0,7	1,1	1,8	1 %
Total	83,6	86,3	169,9	100 %

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Hoje, em 2006, este grupo representa aqueles que estão entre 20 e 24 anos. E o segundo grupo etário mais expressivo no Censo 2000, que era de 10 a 14 anos (10,2 % – Tabela 2), em 2006 já se encontra na faixa etária dos 15 aos 19 anos.

Isto significa que temos uma grande massa de 35,3 milhões de jovens entre 15 e 24 anos em nosso país, totalizando 20,7% da população, a maior concentração de jovens dentro da população não-branca

Devido ao recorte sócio-econômico do Formare – atendimento à jovens oriundos de famílias com até meio salário mínimo *per capita* – parte significativa dos alunos são negros.

Tabela 2

População jovem, por cor ou raça, de acordo com o censo 2000 (em porcentagem, relativa ao total da população, por cor ou raça)

Grupo etário	Branca	Não-branca
10 a 14	9,9%	11,4%
15 a 19	9,1%	9,9%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Daí a importância, e a quantidade, de projetos sócio-educacionais voltados à juventude, tanto no âmbito governamental, quanto no terceiro setor.

A juventude que estuda e a defasagem escolar

O crescimento do número de jovens que freqüentam a escola é muito expressivo nas últimas décadas, tendo se ampliado a partir da metade da década de 1990. Em 1995, o volume total de estudantes entre 15 e 24 anos era de 11,7 milhões, passando para 16,2 milhões em 2001 (IBGE, PNAD 1995 e 2001). Este é um fenômeno recente, que pode ser observado ao notar que a escolaridade média entre os jovens é maior que a do conjunto da população brasileira.

Entretanto o país ainda enfrenta a questão da defasagem escolar. Os jovens estão matriculados, mas a freqüência é irregular e os casos de repetência e evasão são constantes.

Em 2001, no ensino fundamental havia 4,4 milhões de estudantes na faixa etária de 15 a 17 anos, sendo que a idade ideal para o término dessa etapa de escolaridade é de 14 anos. A Tabela 3 mostra que quase 50% dos jovens nesta idade apresentam algum tipo de atraso escolar.

No ensino médio, as distorções são mais graves. Entre todos os estudantes deste nível – 7,6 milhões – somente 3,9 milhões estavam na faixa etária de 15 a 17 anos, prevista como ideal.

Assim, fica claro que, no Brasil, ainda há muito por fazer para se alcançar níveis satisfatórios de escolarização, pois existe uma grande diferença entre a escolarização bruta (correspondente a todos os níveis de ensino – fundamental, médio e superior – em qualquer idade) e a escolarização adequada (correspondente ao ensino médio em diante) entre os jovens de 15 a 24 anos. Uma comparação entre os dois tipos de escolarização, como se observa na Tabela 5, – permite a constatação da defasagem escolar entre os jovens brasileiros.

Interessante notar que os alunos Formare geralmente não possuem disparidade idade/série, e ainda assim o termo defasagem escolar é muito usado pelos educadores para descrever a situação de má qualidade de ensino que tiveram.

Tabela 3

Estudantes, por faixa etária e grau que freqüentavam (grau de instrução) em milhões.

Idade	Fundamental	Médio	Superior	Total
15	2,1	0,9		3,1
16 e 17	2,3	3,0		5,3
18 e 19	1,1	2,1	0,5	3,7
20 a 24	0,9	1,6	1,6	4,1
Total	6,4	7,6	2,1	16,2

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) 2001

Tabela 4

Escolarização bruta e escolarização adequada dos jovens de 15 a 24 anos por regiões (%)

Região	Escolarização		
	Bruta (%)	adequada (%)	defasada (%)
Brasil	48,6	29,2	19,4
Norte	51,6	26,6	25,0
Nordeste	51,6	21,6	29,7
Sudeste	47,3	33,4	13,9
Sul	46,0	34,0	12,0
Centro Oeste	47,4	29,5	17,9

Fonte: PNAD/IBGE, 2001 (Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003 – UNESCO)

Outra questão a ser enfrentada é a qualidade do ensino. As escolas da rede pública sofrem com a precariedade de recursos materiais e de equipamentos, e com a formação inadequada e baixos salários dos professores. Este quadro gera situações como esta:

"um dado expressivo das precárias condições do processo de ensino e aprendizagem (...), reside no fato de que, entre os jovens de 15 a 24 anos, apenas 47% dos entrevistados apresentavam domínio pleno de habilidades ligadas a leitura de textos mais longos, localização de informações e capacidade de estabelecer relações entre elas" (SPOSITO, 2003).

Afinal, quais são os interesses desses jovens?

Diferentemente do imaginário de senso comum, as pesquisas mostram uma juventude interessada nas temáticas da educação e do trabalho, com grande predominância em relação a outros temas comuns ao universo juvenil, como sexualidade, drogas e violência. Isto revela uma juventude atenta ao futuro e ciente de que a questão do emprego/desemprego será central nos próximos anos para que eles possam se estabelecer com autonomia.

Tabela 5
Temas de interesse (%)

Assuntos	Total	Homens	Mulheres
Educação	38	34	42
Emprego/profissão	37	43	32
Cultura/lazer	27	27	27
Esportes/ativ. físicas	21	36	5
Relacionamentos amorosos	20	25	14
Família	16	14	19
Saúde	13	8	18
Segurança/violência	10	6	15
Governo/política	7	8	6
Drogas	7	4	9
Sexualidade	7	6	8

Fonte: Pesquisa Criterium / Projeto Juventude

As pesquisas também mostram que os jovens têm pouco acesso ao lazer e cultura. Segundo o Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional (Inaf, 2003) "entre os jovens com 15 a 24 anos, 54% declararam que nunca vão ao cinema e 76% nunca vão ao teatro. Os shows parecem ser mais acessíveis aos jovens, uma vez que 71% declaram ir sempre, às vezes ou de vez em quando" (SPOSITO, 2003). O principal divertimento é a televisão, o que parece indicar que os jovens ficam muito tempo em casa, mesmo nos finais de semana.

Quando saem de casa, o divertimento geralmente é ir com amigos a danceterias, bares e restaurantes. Nas grandes cidades, os *shopping centers* aparecem em primeiro lugar como opção de lazer. Os tipos de danceterias, bares e outros lugares freqüentados são bem variados, pois há grande diversidade de formas de manifestação juvenil, que vão desde o *rap* aos esportes, passando pelo rock, *funk*, samba, dança, artes plásticas e teatro, entre outros.

Para sabermos um pouco mais sobre nossos jovens, a pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, realizada pelo Instituto Cidadania, traz algumas opiniões, costumes e preferências:

- 80% condenam o aborto.
- 81% são contra a discriminação da maconha.

- 54% aprovam o serviço militar.
- 52% são contra o casamento entre homossexuais.
- 50% dos 3 500 entrevistados leram até dois livros nos seis meses anteriores à pesquisa.
- 23% nunca leram um livro por vontade própria, somente leituras escolares obrigatórias.
- Paulo Coelho é o autor mais popular.
- Zezé di Camargo e Luciano são os cantores prediletos.
- Ayrton Senna é a personalidade mais admirada.
- 22% tem algum tipo de participação em grupos próximos ao local onde mora, a maioria religiosos, seguidos de musicais.

Estes dados parecem esclarecer vários preconceitos que existem a respeito do comportamento juvenil: aquele que só quer se divertir (e realmente tem mais oportunidade para isso), é rebelde e despreocupado com o futuro. Este, no entanto, não parece ser o perfil da grande maioria da atual juventude brasileira.

Referências

- CUSHINIR, Luiz. **Homem: um pedaço adolescente; Adolescente: pedaço de homem**. São Paulo: Saraiva, 1994. Instituto Cidadania – www.icidadania.org.br
- PIGOZZI, Valentina. **Celebre a autonomia do adolescente**: entendendo o processo de iniciação na vida adulta. São Paulo, Editora Gente, 2002.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil**, desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.
- SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, Helena e BRANCO, Pedro Paulo. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005. p. 87-127.
- WASELFSZ, J. Jacobo (Coord). **Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003**. Brasília: UNESCO, 2004.

Anexo 7

O significado do trabalho

O jovem de hoje está preocupado com as questões que influenciarão a sua felicidade no futuro de forma concreta e inquieta-se com a manutenção de sua própria vida atual. Conforme pesquisas recentes, a segunda maior preocupação do jovem brasileiro está concentrada no emprego. Buscar um emprego e ter uma profissão significa, para a maioria dos jovens, independência e caminho para a autonomia.

Tabela 1
Problemas que mais preocupam/escolaridade/renda

Problemas	Até Ens. Fund.	Até Ens. Médio	Ensino Superior	Até 2 Sal.Min	+ de 2 a 5 Sal.Min	+ de 5 10 Sal.Min	+ de 10 Sal.Min
Segurança/violência	25%	28%	28%	26%	26%	27%	37%
Emprego/profissão	26%	26%	20%	28%	24%	17%	17%
Drogas	7%	8%	10%	7%	8%	9%	11%
Educação	5%	7%	9%	6%	7%	7%	8%
Família	9%	4%	3%	7%	5%	5%	5%

Fonte: Pesquisa Criterium / Projeto Juventude

Segundo o cientista político Gustavo Venturi, "a entrada no mercado de trabalho é um momento crítico. Muitos jovens que não conseguem se inserir acabam tendo seu processo de independência atrasado".

O número de desempregados entre os jovens é três vezes maior do que a média da população na mesma condição e a maioria dos jovens que hoje trabalha se insere no mercado informal.

O trabalho representa para o jovem a principal porta de entrada para o mundo adulto. Através dele, poderão efetivar suas escolhas, sejam elas profissionais ou pessoais.

Para conseguir o primeiro emprego, o jovem de hoje se depara com uma realidade diferente da que foi vivenciada por seus pais. O mercado de trabalho atual tem características mutáveis. Este novo cenário traz angústias, e o jovem recebe uma cobrança imensa, muitas vezes de sua própria família, para buscar uma colocação da mesma forma que outrora era possível.

Antes as pessoas tinham um emprego, muitas vezes para toda a vida. A estabilidade profissional era uma marca registrada. Hoje, ao contrário, tanto para conseguir um emprego como para trabalhar, outros mecanismos se fazem necessários.

Apesar das novas demandas, os jovens raramente contam com algum tipo de preparo especial, através dos meios de educação formal, para obter um emprego. Suas maiores dúvidas estão focadas nos seguintes aspectos:

- Como buscar um emprego? Onde?
- Como elaborar um currículo, se não tenho experiência?
- Como divulgar o meu currículo?
- Que tipos de trabalho existem?
- O que é o mercado de trabalho?
- Que profissões devo seguir? Aquela de que mais gosto?
Aquela que dará mais dinheiro?
- Como vou estudar, se não tenho emprego para sustentar uma faculdade?
- Que postura devo ter ao participar de uma entrevista?
- Que salário posso pretender, quando for entrevistado?

Apesar destas dúvidas, o jovem tem uma característica importante: ele é um pesquisador! Por ensaio e erro, sai em busca das informações de que necessita com seu grupo de amigos, através da internet e outros meios. Este “espírito buscador” possibilita que se adapte ao novo mercado de trabalho, onde a empregabilidade que, segundo José Augusto Minarelli, é “a capacidade de gerar trabalho e renda permanente” é a marca registrada do mercado formal ou informal de trabalho.

Atualmente, para manter um trabalho dentro de uma empresa, é necessário ampliar suas próprias condições de empregabilidade, assim como para prestar um serviço, através das novas modalidades de relações profissionais.

A empregabilidade requer aprendizado e curiosidade constante. Ela extrapola o mundo da educação formal. Uma importante tarefa de um educador hoje é manter aguçada a curiosidade do jovem, facilitando o autodesenvolvimento. Curiosidade e constante interesse por aprender são duas características das pessoas com alta empregabilidade no mundo moderno.

A empregabilidade é movida pela busca por independência, realizada através do exercício profissional. Nesta tarefa, educador e jovem caminharão juntos, já que a empregabilidade resulta do autodesenvolvimento. É um movimento de busca contínua de aperfeiçoamento, de criatividade e de adaptabilidade às mudanças.

Referências

MINARELLI, José Augusto. **Empregabilidade, o caminho das pedras**. São Paulo: Gente, 1995.

VEJA, Edição Especial Jovens, número 32, ano 37, jun. 2004, Editora Abril.

www.icidadania.org.br – Perfil da Juventude Brasileira, uma pesquisa do Projeto Juventude/Instituto Cidadania, com a parceria do Sebrae e do Instituto de Hospitabilidade, realizada pela Criterium Assessoria em Pesquisas.

Anexo 8

Alguns dados sobre jovens x trabalho

O mundo do trabalho faz parte da realidade dos jovens, seja porque ele já está trabalhando, ou está a procura de ocupação. Segundo dados do Projeto Juventude, os jovens (do universo pesquisado) que apenas se dedicam aos estudos (19%), ou não estudam nem trabalham (5%) são minoria, e são considerados, na linguagem das pesquisas como Não PEA – Não População Economicamente Ativa.

Este dado está relacionado à condição sócio-econômica do jovem. O fato do Formare oferecer bolsa auxílio, possibilita que nosso aluno permaneça apenas estudando, por mais um ano.

Embora tenha ocorrido o crescimento da escolaridade dos jovens no Brasil, este fato não ampliou o índice de trabalhadores jovens, como teoricamente era esperado, tendo como referência o que costuma acontecer em países mais desenvolvidos. A maior parte (76%) de nossos jovens, como mostra a Tabela 2 (36%+40%), continua considerando o trabalho como parte de seus planos no presente.

Tabela 1

Inseridos no mercado de trabalho (PEA – População economicamente ativa)

Problemas	Jovens de 15 a 24 anos
Sim (trabalham)	36 %
Desempregado (procuram emprego)	40 %
Não PEA (não procuram emprego)	24 %

Fonte: Pesquisa Criterium / Projeto Juventude, 2003

Tabela 2

Estudo / trabalho e não trabalho (%)

Situação	Trabalha	Desempregado	Procura emprego	Não PEA
Trabalha/estuda	56 %	—	—	—
Estuda	—	51 %	84 %	87 %
Trabalha	44 %	—	—	—
Não estuda/não trabalha	—	49 %	16 %	13 %

Fonte: Pesquisa Criterium / Projeto Juventude, 2003

O quadro atual mostra tendência de precariedade na empregabilidade para a juventude, pois cada vez mais é exigida alta escolaridade e qualificação. Uma grande parcela de nossos jovens não consegue ter acesso à universidade, começando sua vida profissional em subempregos e permanecendo neles por muito tempo. Segundo o Ministério do Trabalho “em dez anos (1989-1999), houve um sensível decréscimo de postos de trabalho no mercado formal para jovens entre 15 e 24 anos de idade. Na faixa etária de 15 a 17 anos, de 902.894, em 1989, o número total caiu para 374.578, em 1999. Na faixa de 18 a 24 anos, de 5.479.686, em 1989, os postos disponíveis caíram para 4.631.580”*.



SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas.** São Paulo: Ação Educativa, 2003.

Anexo 9

Prognóstico de mercado futuro

E o que será do amanhã?

Existem apenas duas maneiras de se imaginar como poderá ser o futuro, através da projeção ou do estudo das tendências. A projeção simplesmente se baseia no hoje e, a partir de dados atuais, estabelece um reflexo do que poderá ocorrer no futuro, mas seu foco ainda é o passado. A tendência, ao contrário, rompe com a atualidade e com o passado e vislumbra um novo horizonte. Não existe projeção para quem busca tendências.

Vejam um exemplo de previsões realizadas por Herman Khan, fundador e principal executivo do Instituto Hudson de Pesquisas e autor de um *best-seller* mundial, **O Ano 2000**. Algumas das previsões para o ano 2000, feitas por este eminente e mundialmente reconhecido futurólogo foram publicadas na Revista Realidade de março de 1969:

- Uma viagem do Brasil aos Estados Unidos é feita em 15 minutos pelo foguete transcontinental que carrega 2000 passageiros;
- Automóveis não precisam mais ser dirigidos, porque agora nossos carros são fixos, e as ruas é que se movem, a 300 quilômetros por hora;
- Não há mais empregados domésticos. Robôs fazem este trabalho.
- As refeições são por pílulas, o que elimina os problemas digestivos.

De todas as previsões realizadas por Khan, apenas 20% se realizaram. Qual a razão para tanto erro, já que ele baseou suas previsões em apuradíssimas projeções matemáticas e em fatos? Dizia inclusive que o futuro só não se realizaria da forma que ele previa se "variáveis imponderáveis" surgissem!

E foi justamente isto o que aconteceu, aniquilando todos os seus dados e indicando que é impossível projetar o futuro, por mais tentador que isto possa parecer.

No âmbito do mercado de trabalho, projetar o futuro é imaginá-lo com um maior grau de desemprego, pessoas buscando cada vez mais a empregabilidade, menor número de empresas no mercado, aumento do mercado de trabalho informal, maior número de excluídos sociais. Mas será que o futuro chegará desta forma?

Isto ninguém sabe pois, conforme a própria história nos mostra, mudanças ocorrem a toda hora: panoramas são transformados, velhos paradigmas são quebrados, muros caem ao chão, revoluções têm início com um pequeno número de pessoas transformando toda uma sociedade.

E qual é a única certeza?

Desde que o mundo é mundo, a única certeza de que o ser humano pode ter chama-se mudança. Os indivíduos que têm dificuldade em se adaptarem às mudanças ficam ultrapassados. E mudanças requerem adaptabilidade, flexibilidade. Sem isso, estaríamos todos ainda no mundo das cavernas.

Alvin Tofler, autor de diversos livros entre eles **Choque do Futuro** (Record, 2000), que tem como principal objetivo de trabalho estudar as mudanças, em entrevista realizada no Brasil, diz que nosso país vive simultaneamente três ondas:

"No caso do Brasil, por exemplo, eu acredito que existam na verdade três países diferentes. Há o Brasil da primeira onda, em que as pessoas trabalham na terra da forma que seus ancestrais faziam há centenas de anos, produzindo só o necessário para sobreviver. O Brasil da segunda onda é visto em São Paulo e em várias outras regiões do país, com grande urbanização, muitas indústrias, engarrafamentos e poluição. E também é possível encontrar no Brasil, de uma forma ainda incipiente, uma parte da sociedade que já vive a terceira

onda. São pessoas que estão na internet, usam computadores de forma rotineira e têm empregos que exigem um conhecimento cada vez mais sofisticado. O Brasil é um país heterogêneo, cultural e racialmente, e hoje também comporta três estruturas econômicas diferentes".*

Portanto, em nosso país as três ondas estudadas por Tofler, agrícola, industrial e da informação, ocorrem de forma simultânea. A terceira onda tem como base o **conhecimento**, e será através dele que a economia se transformará e gerará riquezas.

O mercado de trabalho futuro será dominado por aqueles que buscarem o conhecimento, a formação de redes de relacionamento por meios diversos, e a adaptabilidade constante a mudanças cada vez mais velozes.

Tudo indica que estas serão as principais tendências do mercado de trabalho futuro, mas tendência não é destino. É preciso, portanto, estar preparado para as mudanças bruscas de cenário e para o surgimento de novas exigências do mercado.

Referência

GEHRINGER, Max. O amanhã será assim. **Revista Você** Ed Abril, julho de 2002.



* www.bbcbrasil.com, em 15/08/2002.

Anexo 10

Comunicação

A base do relacionamento humano está calcada na comunicação. Sem uma comunicação eficaz, idéias morrem ao vento, conflitos são gerados, inteligências são desperdiçadas e talentos sequer são notados.

Antes de ter contato com o ambiente empresarial, o jovem convive predominantemente com seu grupo etário, que tem suas próprias regras comunicacionais: gírias, posturas corporais mais relaxadas ou que imitam algum ídolo; forma de escrever semelhante à praticada por outros jovens; vestimenta que expressa uma determinada ideologia, etc. Uma das preocupações do FORMARE é fazer com que os jovens percebam o novo ambiente em que se inserem, com relações intergeracionais e outras convenções sociais, com regras, pessoas e relações predominantemente focadas no trabalho, entre outros aspectos que constituem novidade para eles.

Ao estarem atentos às formas de comunicação, os jovens poderão exercitar a percepção adequada de contextos, situações e pessoas, além de dar ênfase a cuidados pessoais e de interação na convivência diária, observando que eles fazem parte das boas normas de convivência social na empresa. Não existe um jeito de comunicar que funcione sempre da mesma forma em todos os contextos. A comunicação adequada pressupõe flexibilidade constante. Para que ocorra, quatro fatores precisam ser sempre observados:

- O que se deseja comunicar? Ou que *mensagem* se quer transmitir e tornar entendida?
- Para quem comunicar? A que *público* a quem se destina a mensagem?
- Em que *contexto* a comunicação ocorrerá? O ambiente: em uma empresa, na família, no grupo de amigos? Em um local silencioso ou com muito barulho, etc?
- Qual a melhor forma de efetivar a comunicação? Através da expressão verbal, ou corporal? Oral ou escrita?

É preciso não confundir comunicação com informação. A comunicação é sempre uma via de duas mãos: tanto quem está na posição de transmitir a mensagem, quanto aquele que a recebe têm um compromisso perante o processo comunicativo. Já ao informar, seja através de meios de comunicação, tais como TV, jornais e revistas, não há garantia nenhuma de que a mensagem será entendida, pois o receptor nem sempre tem como fazer perguntas ou expressar facilmente suas dúvidas. Para que a comunicação se efetive, tanto transmissor quanto o receptor têm a mesma importância no processo.

Por isso, para comunicar, não é suficiente falar. Existem pessoas que acreditam que basta falar muito, mas ouvir também é fundamental.

Para interagir com a mensagem, é necessário esvaziar a mente de pré-julgamentos, respostas imediatistas e tudo que possa obstruir o ouvir atento. Nanci Pilares¹ exemplifica o que é o ouvir desatento:

"...Quantas vezes, conversando com alguém, ficamos mais preocupados em preparar a resposta que vamos dar do que em escutar o que a pessoa está dizendo? Quantas vezes nos concentramos em nossa própria argumentação e não na mensagem do emissor? Podemos observar também que, quando um grupo de pessoas está conversando, é comum haver certa impaciência, por vezes até coletiva, para que o falante termine. E quase sempre há um outro falante, ansioso, que grita antes dos demais: "E comigo também aconteceu que...", transformando o resto dos interlocutores em meros ouvintes passivos. Se a comunicação tem duplo sentido de direção torna-se fundamental, que as pessoas se compreendam umas às outras."



¹ PILARES, Nanci Capel. **Atendimento ao cliente: o recurso esquecido**. São Paulo: Nobel, 1999.

O **ouvir** atento é composto de:

- **Empatia:** ser capaz de se colocar no lugar do outro, entender o seu ponto de vista, mesmo quando se discorda daquilo que ele diz.
- **Atenção:** manter o foco naquilo que a outra pessoa está dizendo, evitando interpretações, distrações ou interrupções desnecessárias.
- **Não julgar:** muitas vezes, por não simpatizar com alguém, nem se ouve o que essa pessoa tem a dizer. Em vez de acolhimento, recorre-se a bordões: "lá vem o chato". Neste momento, cria-se uma barreira e o pré-julgamento impede a acolhida da comunicação.
- **Captar a mensagem completa:** muita gente interrompe o falante com perguntas desnecessárias, sem ouvir até o final. Interrupções constantes, assim como conversas paralelas (quando em grupo) são desgastantes e dificultam a comunicação da mensagem.

E o **falar**?

Outro aspecto importante no processo de comunicação é o ato de falar. Uma comunicação deve ser clara e objetiva, respeitando sempre as condições de decodificação do interlocutor. Para tanto, é conveniente evitar:

- **Termos técnicos ou proferidos em outros idiomas:** toda a vez que for necessário o seu uso, deverão ser explicados.
- **Gírias:** muito comuns em ambiente informal, as gírias devem ser evitadas em espaços formais, como o trabalho.
- **Vícios de linguagem:** a comunicação oral se vale de muitos recursos para chamar a atenção do interlocutor. Alguns deles, como o uso excessivo de expressões como "ta", "né", "certo", "tá ligado" além de informais, tornam-se repetitivas e prejudicam a eficácia comunicativa, devendo ser evitadas.
- **Explicações detalhadas demais:** a comunicação oral é imediatista. Sendo assim, explicações muito "prolixas", isto é, com muitos detalhes em torno de uma mesma idéia, distraem os ouvintes do assunto principal.
- **Omissão total de detalhes:** se, no item anterior, quem fala peca por excesso, aqui o pecado pode ocorrer por escassez, pois faltarão dados necessários à compreensão, dificultando todo o processo comunicativo.

Além de recursos relacionados ao conteúdo do que se fala, também é importante dar atenção à forma do falar quando se deseja assegurar a eficácia comunicativa. Por isso, convém considerar os aspectos que seguem, indicativos de uma comunicação cuidadosa:

- **Atenção à voz:** na comunicação, a voz deve soar clara e o olhar deve se dirigir ao interlocutor. Falar para dentro, ou olhando para baixo, prejudica a compreensão e desvia a atenção. Como são aspectos frequentemente relacionados à inibição, é bom saber que existem exercícios vocais que ajudam na soltura da voz e ensinam a adotar uma respiração correta;
- **Atenção à expressividade:** Denise Stocklos, uma grande atriz de teatro, diz que a comunicação se resume basicamente na emoção. Quem fala algo sem acreditar no que diz, ou o faz sem autoconfiança, deixa de transmitir a mensagem de forma convincente e provoca no receptor sentimentos de descrédito e desconfiança.
- **Atenção à variante lingüística:** todas as formas de comunicação são válidas, mas, em alguns ambientes, umas formas se tornam mais válidas que outras. Assim, se variantes não cultas servem para a comunicação em espaços familiares ou agrupamentos por faixa etária, no ambiente de trabalho, por exemplo, que reúne pessoas escolarizadas, o uso de variantes não cultas não é aconselhável. Por isso, evite cometer erros de fonética ("pobrema" por problema, "sinhô" por senhor, "semo" por somos etc.) ou erros de concordância: "cidadões

no lugar de cidadãos", "Eles saiu" por eles saíram, "os prato" por os pratos. Porque a variante culta decorre de escolarização, se diz que, para falar bem, é necessário saber escrever corretamente. Um bom exercício consiste na leitura de textos em voz alta, prestando atenção às palavras.

Apesar de ouvir e falar serem de extrema importância na comunicação, Flora Davis², depois de anos de pesquisa sobre comunicação não-verbal, afirma que aproximadamente 90% da comunicação se dá de forma não-verbal, através das expressões corporais e faciais. Embora isto ocorra de forma intuitiva, é possível estar atento a esse aspecto.

Ao comunicar, é importante prestar atenção aos sinais não-verbais que o interlocutor transmite: cara de aborrecimento, movimentos de inquietação, etc. O outro funciona como uma espécie de espelho para a eficácia comunicativa. Por este motivo, a percepção é fundamental para a qualidade da comunicação, e aspectos não-verbais podem colocar em risco o que se diz. Por exemplo, alguém tem que fazer uma apresentação para um grupo. Estuda o tema de sua apresentação, se prepara, mas, na hora, não consegue controlar a expressão corporal de nervosismo e insegurança. Resultado? As pessoas prestam mais atenção na performance do apresentador do que no conteúdo de sua comunicação.

A auto-observação é importante para melhorar a postura, que, para convencer, precisa ser autoconfiante e verdadeira. Para comunicar bem, é preciso saber dar conta de alguns recursos que aumentam a expressividade comunicativa:

- **Mãos:** muita gente não sabe o que fazer com as mãos enquanto conversa, e elas parecem pesos a serem carregados. As mãos devem acompanhar as palavras, pois expressam ação e vontade pessoal.
- **Braços:** eles devem ficar soltos ao longo do corpo e acompanhar o que as palavras dizem. Evite prendê-los ao longo do tórax, o que impede que a emoção – ingrediente essencial para comunicar – aflore.
- **Pés:** devem estar bem apoiados no chão, o que dá flexibilidade para os joelhos. Ficar com os joelhos tensos acaba por bloquear a capacidade expressiva.
- **Costas:** expressar-se com as costas eretas, jamais curvadas para frente ou para trás. Costas curvadas para frente denotam submissão e acabam por desqualificar a mensagem comunicada. Costas muito para trás (que acabam por formar um peito de pombo) são típicas das pessoas arrogantes, que se julgam melhores que as demais.
- **Respiração:** ela permite o equilíbrio. Se a respiração estiver acelerada demais, a comunicação transmitirá ansiedade. Quem respira de forma incorreta também tem dificuldade em perceber o ambiente e o público a sua volta e, desta forma, adequar a sua comunicação. A respiração correta começa com a inspiração até a barriga, soltando o ar aos poucos. Fazer isto também ajuda a acalmar. Respirar é um ato imperceptível, porém de efeito extremamente calmante e fundamental para a melhoria da comunicação.

Os três ingredientes até agora mencionados: ouvir, falar e expressar-se de forma não-verbal compõem a forma como a comunicação se estabelece. Além da **forma**, a comunicação pressupõe um **conteúdo**, ou seja, aquilo que constituirá a mensagem, ou ainda, o "recheio" da comunicação. Saber falar bem, mas sem consistência, ou saber ouvir, mas não saber perguntar, ou ter ótima postura e expressar-se adequadamente, sem se preocupar com o conteúdo, pode colocar em risco o processo integral da comunicação. Portanto, estar atento ao desenvolvimento de algumas competências e à maneira de lidar com elas é tarefa de qualquer pessoa que queira se esmerar na arte da comunicação.



² DAVIS, Flora. **Comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

Observação: o quadro abaixo pode sugerir atividades para melhorar a comunicação pessoal.

Comportamentos que denotam falta de conteúdo	Maneiras de lidar
<ul style="list-style-type: none"> ● falta de assunto 	<ul style="list-style-type: none"> ● buscar informar-se sobre o que acontece na atualidade, através de leitura de jornais, revistas e pesquisas na internet; ● engajar-se em programas culturais, tais como teatro, música e cinema; ● ler livros.
<ul style="list-style-type: none"> ● restrição de vocabulário 	<ul style="list-style-type: none"> ● ler livros, jornais e revistas, procurando compreender todas as palavras desconhecidas.
<ul style="list-style-type: none"> ● apego demasiado aos mesmos dados, inflexibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> ● conversar com pessoas diferentes: jovens, adultos e pessoas mais velhas (buscar aprender com a experiência alheia); ● experimentar novas e diversificadas concepções do mundo; ● conhecer diferentes culturas.
<ul style="list-style-type: none"> ● falta de confiança em expor aquilo que sabe 	<ul style="list-style-type: none"> ● arriscar-se gradativamente; ● falar aquilo que pensa ou sente e verificar se as reações dos outros são tão hostis quanto se imagina que poderiam ser.
<ul style="list-style-type: none"> ● síndrome do "Sabe-Tudo" 	<ul style="list-style-type: none"> ● abrir-se para a curiosidade e a inovação; ● aprender sempre, lembrando que o aprendizado é um processo sem fim.
<ul style="list-style-type: none"> ● usar sempre as mesmas palavras e expressões 	<ul style="list-style-type: none"> ● observar outras pessoas; ● aprender novas palavras usando um dicionário de sinônimos; ● fazer perguntas.
<ul style="list-style-type: none"> ● aceitar tudo passivamente quando estiver no papel de ouvinte 	<ul style="list-style-type: none"> ● verificar se entendeu para fazer perguntas; ● questionar, sem gerar polêmicas desnecessárias.
<ul style="list-style-type: none"> ● brincar ou contar piadas em excesso para disfarçar aquilo que não sabe 	<ul style="list-style-type: none"> ● ler jornais, revistas, livros; ● questionar-se: ter humor é bom, mas será que não exagero? ● estar atento à diferença de situações.
<ul style="list-style-type: none"> ● "fingir" que sabe, "enrolar" 	<ul style="list-style-type: none"> ● perguntar para aprender; ● buscar se informar sobre os temas que não conhece; ● aguçar a curiosidade.

Em resumo, a comunicação se dá através da interação dinâmica dos seguintes fatores:

- Ouvir
- Falar
- Expressões não verbais
- Conteúdo, mensagem

Além desta forma de interação, a comunicação também se concretiza de outras maneiras, como, por exemplo:

- **Roupas:** a maneira de vestir espelha para o mundo os gostos e as escolhas pessoais. As roupas e acessórios, além de refletirem a personalidade, também devem estar adequadas ao contexto onde estamos inseridos. Ninguém dorme com as mesmas roupas com que vai a uma festa, por exemplo. É certo que cada um tem um estilo de vestir, mas jamais se pode esquecer de que transitamos em comunidades, empresas e grupos específicos. Exagerar na forma de vestir pode ser uma maneira de chamar atenção de forma inadequada sobre si.

As roupas podem ser marca geracional, como o boné, por exemplo. Ele é um acessório muito bem-vindo em ambientes jovens, mas há situações, como as vividas dentro do ambiente empresarial, ou quando um jovem busca por um emprego, que ele pode ser inadequado, projetando sobre quem o usa valores que não o beneficiam, por isso convém evitá-lo nesses espaços.

A primeira impressão, como diz o ditado, é sempre a primeira que fica. No mundo atual, a imagem é muito valorizada. Cada um pode ter o seu estilo, mas nunca se deve esquecer que se atua em um cenário social.

- **Maquiagem:** da mesma forma como no item anterior, as melhorias estéticas realizadas através da maquiagem precisam ser usadas com bom senso, visando o contexto onde se inserem.
- **Piercings e tatuagens:** diferentemente do passado, onde eram considerados símbolos de marginalidade, as tatuagens também fazem parte do modo de ser do jovem. Ainda assim, é preciso saber que eles nem sempre são bem aceitos no ambiente empresarial, sendo recomendável que estejam localizados em lugares do corpo de menor visibilidade. Em entrevistas de emprego, é recomendável que *piercings*, dependendo da região em que se localizam, sejam retirados.
- **Modo de andar:** através do modo de andar, cada um mostra quem é. Assumir um jeito de caminhar, e todas as conseqüências advindas dele, também é uma forma de amadurecer; transformá-lo por meio de auto-observação também. É importante saber verificar que benefícios podem advir de algumas maneiras de andar. Os jovens, freqüentemente, imitam o andar de alguém de sua preferência, ou do grupo do qual faz parte: rapers; skate; reggae; roqueiros, etc. Resta saber se esse modo poderá ou não interferir na impressão que ele causará no espaço de trabalho.
- **Modo de sentar:** existem pessoas que, ao sentarem-se numa cadeira ou sofá, tratam de se esparramar, ou ficam totalmente descontraídas, independentemente do lugar onde estejam. Novamente a adequação e o bom senso aqui deverão estar presentes. Uma coisa é sentar-se desta forma em casa, ouvindo música; outra é estar em um local de estudo, de trabalho, etc. A melhor postura ao sentar, que faz bem inclusive à saúde, é com as costas retas no espaldar da cadeira e os dois pés fixados no chão. Esta postura evita dores nas costas e problemas de circulação.

É importante lembrar que, a todo o momento, as atitudes adotadas mostram ao mundo quem somos. Começar a observar a forma como elas são percebidas pelos outros e também como nós as percebemos é o primeiro passo para a melhoria constante de nossa comunicação.

Comunicação significa: **comunicar uma ação**. Quietos, andando, sentados, em pé, sempre se comunica o que se é, independentemente do que se diz. A percepção é uma bússola que ajuda no direcionamento para o que desejamos ser.

Anexo 11

Trabalho em equipe

Para desenvolver atividades em grupo, além de conhecer os fundamentos do trabalho coletivo, é necessário constituir e consolidar uma cultura de participação. Por isso, a meta é desenvolver competências entre os jovens, especialmente as que habilitam ao trabalho em equipe, que no contexto do Programa FORMARE é entendido como a "capacidade de levar o grupo a atingir os objetivos propostos".

Existem várias formas e teorias para definir o que é um grupo, porém a definição mais simples e essencial é: são pessoas com um objetivo comum. É uma identidade compartilhada, uma referência em comum, um projeto coletivo para o futuro, possibilidade de construir junto o que está por vir. Neste sentido, os jovens FORMARE constituem um grupo, pois possuem, entre outros, o objetivo comum de aprender e concluir o curso profissionalizante do FORMARE. Mas serão eles capazes de cumprir uma tarefa em conjunto? Formar uma equipe? Ser um grupo que trabalha com competência e alcança resultados positivos?

Nesta fase do projeto, o relacionamento interpessoal deve estar bem resolvido (afinal todo o Módulo Básico trabalhou nesse sentido!), portanto a turma de jovens é terreno fértil para se transformar numa equipe produtiva.

O primeiro passo é entender que o entrosamento é essencial para que a equipe funcione, mas não pode ser confundido com o objetivo final. Uma equipe pode ter ótimo relacionamento, ser acolhedora com todos os membros e ter vínculos afetivos sólidos, enfim tudo aquilo que foi estudado no Módulo Básico, porém isto não basta. Uma equipe se une por um objetivo e busca resultados. Sem eles, a motivação vai enfraquecendo e os problemas de relacionamento aparecem.

Primeiramente é preciso distinguir o que se entende por massa, grupo e equipe. Simão de Miranda diz que: "*massa* é um aglomerado de indivíduos, que participam fisicamente, mas não trocam o conhecimento; *grupo* é um aglomerado um pouco menor que conhece um ao outro, ao mesmo tempo que possui os mesmos objetivos; *equipe* é um grupo diminuto, no qual, havendo objetivos coincidentes, a comunicação ocorre de modo pleno".¹

A partir desses conceitos é possível observar os jovens do FORMARE: antes da seleção para entrarem no projeto, eles eram *massa*. Entretanto, ao serem selecionados, já se diferenciaram da massa, pois foram identificados como jovens com o objetivo de transformarem suas vidas através de uma oportunidade de aprendizagem. No início do projeto formam um *grupo* e, a partir das vivências em comum (não apenas nas aulas de *Relacionamento*) o grupo se consolida, adquirindo potencial para saber produzir em equipe.

A totalidade do grupo não é formada pelo somatório das pessoas que constituem o grupo, mas pelo número total de relações que ocorrem dentro do grupo, considerando os possíveis e necessários rearranjos em função dos objetivos a que se propõem (deslocarem-se da empresa para as suas casas, fazerem um trabalho escrito, dramatizarem, participarem das atividades do Coral, etc). Saber explorar as diversas formações desta totalidade, com fluxo total de comunicação, é constituir uma equipe.

A aprendizagem do trabalho em equipe está presente o tempo todo na vivência dos cursos FORMARE, mas este bloco de atividades se propõe a entender melhor o que é saber produzir em equipe, conversando e refletindo com os jovens a respeito desta competência hoje tão valorizada no mercado de trabalho. Basta consultar jornais, livros e revistas especializadas em desenvolvimento de carreira ou Gestão de Pessoas para comprovar a importância de trabalhar em equipe.



¹ MIRANDA, Simão de. *Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários*. Campinas Papirus, 1996.

Embora existam variadas orientações para a realização de tarefas coletivas, algumas características comuns predispõem para o desenvolvimento de habilidades que facilitam o trabalho em equipe. São as seguintes:

- sentir-se parte do grupo e comprometido com o mesmo;
- ouvir o outro, mesmo que não concorde com a opinião dele;
- expressar pensamentos, sentimentos e opiniões de forma clara, respeitando o contexto do momento;
- aprender a conviver e respeitar as diferenças;
- aprender a colocar-se no lugar do outro, para compreendê-lo quando for necessário;
- buscar o consenso, sabendo quando é possível (e necessário) relativizar os pontos de vista;
- abrir mão dos interesses pessoais em prol do coletivo;
- saber exercer a liderança, quando necessário;
- ter determinação e persistência;
- acreditar que a cooperação é mais eficaz do que a competição;
- construir a solidariedade e o sentimento de cooperação.

E finalmente, dispor de todas estas posturas, para:

- focalizar a tarefa e o objetivo comum, independente de interesses pessoais.

A partir dessas orientações, uma equipe será capaz de produzir um saber coletivo, que ultrapassa a soma dos conhecimentos individuais, através da troca de experiências e reflexões compartilhadas.

Um ponto importante para o bom funcionamento da equipe é que todos os membros possam participar ativamente e de formas variadas. Existem grupos que não passam de arranjos materiais onde é sempre a mesma pessoa que lidera, ou onde existe um “bode expiatório” sofre as conseqüências dos fracassos; ou onde só um ou alguns trabalham por todos. Um grupo com essas características não é saudável, não resiste por muito tempo sem conflito e raramente produz coisas interessantes.

A equipe que se deseja construir com os jovens FORMARE deve ser um espaço onde todos possam exercer todas as funções. Muitos teóricos falam a respeito dessa condição fundamental. Um deles, Pichon-Riviére², diz: “os papéis tendem a ser fixos no começo, até que se configure a situação de lideranças funcionais, ou seja, lideranças operativas que se fazem eficazes em cada ‘aqui e agora’ da tarefa”.

É claro que cada pessoa tem características próprias (e isto é a maior riqueza de um grupo) e algumas têm melhores condições de liderar. Numa situação educativa, entretanto, é preciso que todos tenham a oportunidade de exercitar a liderança, vivenciando a experiência de ser coordenador de equipe, já que, na vida profissional, esse papel poderá vir a ser exercido. Um coordenador é aquele que pensa junto com o grupo.

Não é exclusividade do líder comprometer-se com uma atitude de colaboração para auxiliar a conquista do objetivo final. Seja como organizador, secretário, motivador, criador uma cada membro de uma equipe tem como fim principal colaborar para o cumprimento do objetivo final. Nas vivências a serem experimentadas nas aulas, não deixe de ressaltar que a colaboração e a cooperação são essenciais para o sucesso da equipe, mostrando que os papéis de sabotador, bode expiatório e outros não colaborativos e não contribuem em nada.

Seu próprio exemplo como adulto de referência será de grande valia para os jovens, pois essa competência, muito valorizada no mundo do trabalho, se assemelha àquilo que você faz com o grupo de jovens FORMARE: coordenar um grupo e buscar consolidá-lo, formando uma equipe.



² PICHON-RIVIÉRE, Henrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

Anexo 12

O que é hip hop?

A arte mostrando o mundo de uma nova forma: não mais a visão de beleza estipulada como padrão, mas aquela vinda da periferia das grandes cidades. Essa é a essência do *HIP HOP*, um movimento social e político, que se manifesta por meio de três formas de expressão artística: Rap – *rhythm and poetry* (ritmo e poesia) que é a expressão musical-verbal da cultura; Grafite – que representa as artes plásticas expressa por desenhos coloridos feitos nos muros das cidades; *Break dance* – que representa a dança.

O termo *Hip Hop* foi criado por volta de 1968 pelo DJ Afrika Banbaataa, Já a origem do RAP remonta à Jamaica, mais ou menos na década de 60, quando surgiram os *Sound Systems*, que eram colocados nas ruas dos guetos jamaicanos para animar bailes. Esses bailes serviam de fundo para o discurso dos *toasters*, autênticos mestres de cerimônia que comentavam, nas suas intervenções, assuntos como a violência das favelas de Kingston e a situação política da Ilha. No início da década de 70, muitos jovens jamaicanos emigraram para os EUA, devido a uma crise econômica e social que se abateu sobre a ilha. Eles difundiram muito o RAP nos Estados Unidos.

Na década de 60, nos Estados Unidos, começaram grandes discussões sobre a vida dos marginalizados de Nova York, dentre estes especialmente os negros. Líderes negros, como Martin Luther King e Malcom X, e grupos que lutavam pelos direitos humanos, como os Panteras Negras, surgiram. Nesse contexto, vinham à tona os primeiros praticantes do *Hip Hop*, principalmente artistas como Isaac Hayes, que faziam os habitantes dos guetos dançarem músicas RAP. As músicas tinham um fundo dançante e a letra, mais falada do que cantada, muitas vezes rimada, acompanhava o som. Todas as músicas tinham teor político-social.

No Brasil, o *Hip Hop* chegou no início da década de 80 por intermédio das equipes de baile, das revistas e dos discos vendidos no centro de São Paulo. Os pioneiros do movimento, que inicialmente dançavam o *Break*, foram Nelson Triunfo, depois Thaíde e DJ Hum, MC/DJ Jack, Os Metralhas, Racionais MC's, Os Jabaquara *Breakers*, Os Gêmeos e muitos outros. Atualmente, em São Paulo, os grupos de Rap chegam a centenas, e os bailes reúnem milhares de jovens todos os finais de semana.

Hoje, as manifestações artísticas do movimento não estão mais restritas ao universo dos guetos, tendo sido aceitas pelos jovens de todas as classes sociais. O *Hip Hop* encanta a todos sem distinção porque exprime a possibilidade de manifestação dos sentimentos e pensamentos humanos diante de uma realidade de injustiça e opressão.

Referências:

www.dancaderua.com.br

www.mol.org.br

www.movimentohiphop1.hpg.com.br

Anexo 13

Cidadania ativa

Atualmente, o conceito de cidadania ativa tem sido discutido por vários teóricos e organizações da sociedade civil. É um pensamento mais abrangente, que considera tanto as questões sociais quanto as questões políticas, econômicas, culturais e ambientais. Ela extrapola o conhecimento dos direitos e deveres do cidadãos e preocupa-se com a atuação das pessoas nas ruas, em suas comunidades, nas ONGs (Organizações Não-Governamentais) e movimentos sociais. Vai além de leis como a Constituição, e é mais próxima da realidade de cada um de nós.

A cidadania ativa é uma atitude. Através dela a sociedade começa a compreender que a cidadania não se esgota nos direitos que lhes são concedidos pelo Estado, mas se renova a cada dia na vigilância pelo seu cumprimento ou pela permanente adaptação dos direitos às modificações do contexto social. A participação ativa e contínua do cidadão é necessária para a existência da cidadania, mesmo daqueles que já possuem alguns de seus direitos garantidos. A cidadania é então entendida como um processo em constante construção, o que é essencial para dar sentido à participação na vida pública.

A filósofa Marilena Chauí – professora e pesquisadora da USP (Universidade de São Paulo) resume de forma simples este pensamento: “A cidadania outorgada pelo Estado se diferencia da cidadania ativa, na qual o cidadão, portador de direitos e deveres, é essencialmente criador de direitos para abrir novos espaços de participação política.”¹

Os jovens já estão vivendo sob esta nova concepção de cidadania participativa, que os adultos acompanharam durante o processo de construção, no início dos anos 90. Nessa época, consolidou-se o Terceiro Setor no Brasil (ONGs, Associações, Fundações e Institutos) e tiveram início movimentos sociais reivindicadores de compromisso ativo com a sociedade, tal como a Ação da Cidadania contra a Fome, liderada pelo sociólogo Betinho na década de 90.

Embora existam na lei, os direitos nem sempre são aplicados para todos. Lutar para que sejam é tarefa de quem se torna agente no processo de construção da verdadeira cidadania. Trata-se de compreender que defender o interesse coletivo é assegurar, efetivamente, o exercício da cidadania. Se esta compreensão acontecer entre os jovens como decorrência de postura ética, é provável que se solidifique e faça parte de suas vidas para sempre.

Ser cidadão ativo não significa saber um conjunto de leis, mas construir e exercer a cidadania a cada dia. Ela precisa ser renovada, discutida, ampliada e melhorada a cada instante, com a participação de todos os cidadãos, independentemente de sua classe social. Por meio da cidadania ativa o interesse pessoal é ultrapassado, priorizando o coletivo.

A cidadania também pode ser entendida como a plenitude da autonomia, isto é, o domínio de condições para *saber escolher, poder escolher e efetivar as escolhas*². É o que, no Formare, estamos ensinando o tempo todo, em todas esferas, aos nossos jovens.

Para saber mais sobre o assunto, leia VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 1997. Consulte também, na Internet, os sites do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (www.gife.org.br) e do Instituto Ethos (www.ethos.org.br) onde você encontrará informações, textos e diferentes exemplos de ações de responsabilidade social.



- 1 CHAÚÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Moderna, 1984. e CHAÚÍ, Marilena.
- 2 Entrevista concedida por Francisco de Oliveira ao jornal Folha de São Paulo, em 02 /08/2000.

Anexo 14

Solução de problemas

Ser capaz de solucionar problemas é uma competência cada vez mais valorizada no mercado de trabalho atual. Grande parte dos postos de trabalho mais complexos e exigem conhecimentos amplos. Também a velocidade das mudanças e a atualização tecnológica provocam problemas que exigem soluções rápidas.

Este impacto de velocidade chega conseqüentemente na vida das pessoas que precisam tomar decisões sob pena de perderem oportunidades. Às vezes a gente se questiona:

- Serรก que fao tal curso agora ou espero mais um ano? Pude ser que, daqui a um ano, o curso nŁo seja mais referªncia para o mercado.
- Devo comprar este computador no lanamento, jรก que estŁo financiando com juros baixos? Dentro de alguns meses, o mesmo computador valerรก dois teros do preo que vocª pagou.

Saber lidar com o imprevisto e o desconhecido sempre foram desafios colocados aos seres humanos, desde a prª-histÓria atª os dias atuais. Ainda assim, vivemos grandes temores com as situaes surpresas, que aparecem sem serem planejadas. Saber lidar com a ansiedade e o desconforto que estas situaes nos causam  um aprendizado.

A soluo de problemas  tambªm uma das competªncias a ser desenvolvida nos jovens, por meio do desenvolvimento da capacidade de analisar situaes, relacionar informaes e resolver problemas.

Todas as situaes de vida que exigem mais cuidado, empenho e tempo para serem resolvidas sŁo tratadas genericamente por problemas. Em vista disso,  natural que nŁo exista uma receita única para enfrentรก-las, mas  importante que seu planejamento seja feito passo a passo, a fim de, ao final, ser possível organizar informaes e tomar atitudes. Em relao aos trabalho a ser desenvolvido com os jovens,  importante que eles sejam preparados para enfrentar problemas que inevitavelmente surgirŁo, como parte dos acontecimentos da vida, e que deverŁo ser superados.

Compreender que problemas fazem parte do cotidiano de qualquer pessoa – independentemente da idade, escolaridade, insero social, religiŁo, etc –  o primeiro passo para enxergรก-lo como oportunidade e nŁo como desgraa, castigo, azar, injustia, perseguio. Depois,  preciso entender que os desafios sempre exigem uma tomada de decisŁo, uma escolha, pois hรก muitas possibilidades de soluo para um mesmo problema, a questŁo  saber analisรก-lo e escolher a soluo mais adequada para o momento.

Em uma situao de aprendizagem,  interessante problematizar e mostrar aos jovens que eles sŁo capazes de tomar decisŁes apropriadas. A tomada de decisŁo  o primeiro passo para a soluo de um problema. NŁo podemos ficar imobilizados diante do desafio.

A tomada de decisŁo diante de um problema, envolve:

- atªno e concentrao para analisar e estabelecer relaes;
- desenvolvimento do raciocínio lÓgico;
- flexibilidade;
- criatividade;
- busca de alternativas.

Estas características sŁo trabalhadas com os jovens na Escola Formare, o tempo todo, em todas as disciplinas, como se pode ver:

- Atenção e concentração são qualidades muito desenvolvidas nas disciplinas técnicas, especialmente nos exercícios práticos, onde os jovens produzem materiais. São habilidades fundamentais na prática profissional, quando irão manusear equipamentos industriais e participar de processos administrativos que não admitem erros por falta de atenção;
- O raciocínio lógico – que corresponde ao “aprender a pensar” – é desenvolvido, com foco especial, em Fundamentação Numérica. Há um esforço para não reproduzir a matemática da escola formal e ensinar os jovens a raciocinar matematicamente. Também aparece nas demais disciplinas, especialmente quando se propõe a construção de conhecimentos, mais do que a memorização;
- A flexibilidade é uma característica que vem sendo testada e trabalhada com os jovens desde o processo de seleção, já que ser flexível é ser capaz de estar aberto à inovação e se adaptar às situações novas. As próprias aulas de *Relacionamento* focalizaram bastante esta característica;
- Apesar de o Formare ser um curso técnico, sua proposta de formação vai muito além. As Atividades de Integração abrem um espaço importante para se enriquecer o currículo e desenvolver outras características, tais como a criatividade. As aulas de Teatro, Música, Poesia, Coral, Dança, Pintura, etc são essenciais para desenvolver a criatividade. Não é apenas um “criar artístico”, mas ensinar aos jovens que eles também podem inovar, inventar;
- Buscar alternativas está relacionado à competência de enxergar o mundo sob vários ângulos, sem estar apegado a verdades absolutas. Estar participando do Formare, foi o primeiro passo para os jovens começarem a perceber isto. A convivência com tantos Educadores diferentes: uns que trabalham na produção, outros no setor administrativo; uns com formação técnica, outros com formação superior ou nenhuma formação específica; uns que reproduzem, outros que inovam e assim por diante. São todos, apesar das diferenças, profissionais competentes de uma empresa, e mostram aos jovens que existem várias maneiras de se posicionar diante de fatos e situações.

Esta divisão apresenta de forma simplificada a predominância de algumas habilidades em certas disciplinas do curso, mas, no dia-a-dia do curso, a formação de competências deve se dar continuamente em todas as disciplinas.

Durante as aulas de *Relacionamento*, essas habilidades também foram trabalhadas. O objetivo agora é mostrar aos jovens que eles possuem qualidades que podem ser usadas na solução de problemas, sejam eles de ordem profissional ou pessoal. O importante é cada jovem buscar o “seu jeito” de lidar com problemas, ser espontâneo, entendendo aqui a espontaneidade como a capacidade de agir de modo adequado diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora, ou utilizando respostas já conhecidas para uma nova situação.

Anexo 15

Visão de futuro

"O futuro tem muitos nomes.
Para os fracos, é o inatingível.
Para os temerosos, o desconhecido.
Para os valentes, é a oportunidade."
Victor Hugo

Existem três tipos de pessoas: aquelas que apenas sonham e nada fazem para realizarem seu sonho; as que nem sonham e levam a vida à mercê de todo e qualquer acontecimento; as que, além de sonhar, traçam metas para atingir seus sonhos e planejam o seu próprio futuro.

O ideal do Formare é desenvolver jovens que não apenas sonhem, mas que sejam capazes de traçar o seu próprio futuro, sendo agentes da própria transformação, em vez de meros expectadores dos acontecimentos.

Um sonho!

Antes de existirem concretamente, muitas coisas em nossa vida começam com um sonho. Um empresário começa uma empresa primeiramente em sua imaginação. Uma dona de casa prepara um jantar especial depois de sonhar com ele. Quem não sonha, vive sem esperança, se submete passivamente aos acontecimentos. Os jovens, especialmente, costumam sonhar com seu futuro!

O sonho dá sentido à vida. Diversas pressões da vida contemporânea têm roubado dos jovens o direito de sonhar, mas é preciso incentivar esta capacidade e apoiar o jovem em suas decisões, auxiliando-o a planejar suas metas. É direito dos jovens sonhar com uma profissão, com um mundo melhor e mais justo.

Na juventude, vive-se a urgência do presente, e o futuro parece muito distante. A maioria delinea o próprio futuro através de algo nebuloso e recheado de emoção, chamado sonho. O sonho é sonhado por utópicos, esperançosos e por todos aqueles que acreditam no futuro, além dos inconformistas. Estes sabem que, se as coisas não estão ótimas hoje, poderão se tornar melhores amanhã, desde que cada um se permita sonhar! O sonho é o começo de tudo: um empreendimento, uma relação saudável, a construção de uma casa, a melhoria de um cômodo, etc.

Análise da própria vida

Para sonhar, um dos ingredientes, além da capacidade imaginativa, é analisar como está a vida no presente, já que é a partir dele que o futuro tem seu início. Nem sempre fazer esta análise é um processo simples, pois é preciso olhar com honestidade para a vida atual:

- Gosto da vida que levo?
- Que papéis tenho hoje? (filho, estudante, trabalhador, etc.)
- Como os desempenho? (bem, mal, estou inteiramente envolvido naquilo que faço, etc.)
- O que acredito que supra as minhas necessidades e desejos?
- Que situações percebo que preciso melhorar?
- Gosto de quem sou?

Estas e outras perguntas ajudam a refletir sobre a situação atual. É preciso encarar e aceitar o que se passa hoje, para que, desta forma, seja possível planejar um futuro com realismo, sem falsas esperanças, ou armadilhas que decorrem de modismos da nossa sociedade.

Desta forma o jovem pode visualizar um futuro possível, a partir do qual possa projetar suas escolhas e pautar as conseqüências de seus atos. O FORMARE não só prepara os jovens para uma atuação profissional, mas para a própria vida. Desenvolve valores e atitudes que propiciam viabilizar uma vida responsável, esperançosa e alicerçada no primeiro passo, pois sabe que, sem ação, não há transformação.

O texto que segue, elaborado por Dulce Magalhães, doutora em planejamento de carreira, mostra, através de uma excelente abordagem, uma forma de mais do que sonhar com o futuro, transformá-lo em realidade, a partir de ações no presente. Ele é também subsídio para tratar do foco dessa unidade. A partir dos argumentos nele expostos, os jovens do Formare podem visualizar um futuro possível, no qual eles sejam responsáveis pelas escolhas e conseqüências de seus atos. Como educador, uma de suas tarefas é fazê-los ver que o Formare não só prepara para o campo profissional, mas também para a vida responsável, alicerçada no primeiro passo.

Visão estratégica

Dulce Magalhães

Não importa o quanto se fantasie o futuro, ele será a expressão exata de nossas ações no presente. O exercício de Visão Estratégica, nada mais é do que projetar no tempo os resultados que almejamos e agir no presente para atingir esses resultados levando em conta o contexto.

É simples, mas está longe de ser fácil. Na verdade, o primeiro e decisivo passo é estabelecer os objetivos. Aí começa nossa complicação. A maioria das pessoas sonha com o futuro, mas não sabe planejá-lo. Sonhar é uma parte essencial na construção de nossos resultados, mas não é suficiente para permitir a superação de obstáculos que geralmente nos fazem adiar ou desistir dos sonhos. A eleição de objetivos implica em saber tomar decisões, lidar com prioridades, saber dizer não ao que é urgente, porém irrelevante. A visão é saber o que se deseja, a estratégia é colocar isso no dia a dia, na agenda de trabalho. Quem desenvolve uma visão estratégica cria uma rotina que permite viver tudo o que se pretende no futuro, só que antes. Não tem a ver com decisões futuras, mas com impactos futuros de nossas decisões no presente. Assim como o presente é uma conseqüência direta de nossas ações no passado.

A segunda questão importante para se desenvolver a visão estratégica é antecipar tendências, verificar como o mundo vai progredir, perceber oportunidades, descobrir nichos, ver o antigo de um jeito novo. Essa percepção está intimamente ligada à intuição, o que significa que temos que aprender a gerenciar riscos e nos lançarmos a impulsos controlados. Não há como ter certeza sobre as oportunidades que se apresentam, entretanto o fracasso é aprendizagem, enquanto que a falta de ação é a ausência absoluta de resultados. Tentar, testar, treinar, essas atitudes são as bases do desenvolvimento intuitivo. É preciso estar aberto para o novo, para conseguir ao menos percebê-lo. Ver o todo sem perder de vista o detalhe, esta habilidade é parte importante do exercício da percepção.

A visão sistêmica que nos permite identificar causas reais para as conseqüências que nos afetam, é o terceiro e mais complexo passo da visão estratégica. Pensar em sistemas e não em partes isoladas e separadas é uma capacidade que pouco desenvolvemos. De um modo geral, encontramos justificativas rápidas e simplistas para as dificuldades de nossa existência. A maior parte dessas desculpas são auto-indulgentes e colocam a responsabilidade no externo, seja no governo, no mercado, na

família ou na sociedade, mas distantes do verdadeiro foco de nossa vida: nós mesmos. A visão sistêmica exige auto-crítica, que estejamos inseridos dentro do sistema de nossa vida e que sejamos responsáveis por ele. Nesse contexto, não serve termos justificativas, mas entendermos a verdadeira causa das dificuldades (normalmente nós próprios) e agirmos de maneira eficaz para transformar resultados.

Por fim, a visão estratégica vai exigir de nós uma árdua e definitiva tarefa, aplicar disciplina na elaboração de nossas atividades para realizarmos objetivos de médio e longo prazo. E a disciplina é diferente de ter uma metodologia rígida de ação, ou uma rotina imune a mudanças, muito pelo contrário. De fato disciplina é alterar nosso comportamento, rever nossos hábitos, modificar nossos métodos tantas vezes quantas forem necessárias para o atingimento de nossos propósitos.

Ao invés de tentar ajustar nossos sonhos aos resultados que alcançamos, temos que transformar ações para alavancar resultados que sejam um retrato fiel dos sonhos que aspiramos. Disciplina é perseverar até a conquista de nossas metas. Se isso exigir mudanças profundas em nossos hábitos e práticas, que assim seja. O importante é estar ligado a princípios éticos fundamentais, que possam nortear nossa prática de vida, ser um farol claro que ilumine nossa caminhada. O caminho será construído sob essa luz, mas sem deixar nunca de enxergar o objetivo como destino a ser alcançado. O percurso vai sendo determinado de acordo com as percepções e análise sistemática do ambiente à nossa volta, porém a disciplina nos permite a manutenção da caminhada, a não desistência de nossos propósitos, a capacidade de realizar nossa visão estratégica.

Autodiagnóstico para visão estratégica

- Quais são meus propósitos para o futuro?
- Eles estão descritos em forma de objetivos, de maneira clara e vinculados à propostas de mudança?
- Consigo perceber meus objetivos como viáveis, apesar de representarem um desafio de vida?
- Quanto estou disposto a rever meus hábitos e alterar minha rotina, de modo a alcançar minhas metas?
- Meus objetivos são suficientemente grandiosos para me fazer mover com perseverança e enfrentar obstáculos para atingi-los?
- Eu consigo identificar de maneira objetiva quais são minhas maiores dificuldades na concretização de meus propósitos?
- Sei perceber oportunidades e aproveitá-las de maneira eficaz?
- Sei criar oportunidades novas ou gerar soluções inovadoras em momentos de forte pressão? E em situações normais?

O que fazemos	O que devemos fazer
Vivemos o curto prazo	Ampliar nossos horizontes, viver o hoje e saber o que queremos viver amanhã
Repetimos rotinas	Aprender alguma coisa nova todo dia e alterar sempre a rotina para viver mais experiências
Repetimos fórmulas	Ler mais, ouvir mais, ter mais idéias para gerar mais e melhores soluções frente aos novos desafios
Nos acostumamos à insatisfação	Sermos inquietos, estarmos olhando ao redor à busca de oportunidades de progresso.

Como fazer

- Estudar experiências de personalidades, através da leitura de biografias e da pesquisa de artigos e reportagens.
- Alimentar a criatividade, através da implantação de um sistema permanente de aprendizagem, que pode ser voltar aos bancos escolares, estudar um novo idioma, se dedicar à pesquisa de um tema de interesse ou qualquer método diário de estudo.
- Obter informações, através de uma rede de contatos heterogênea formada por pessoas inteligentes e interessantes, que atuem em diferentes áreas (das artes à ciência), e da leitura atenta das notícias.
- Criar oportunidades, através da participação em grupos associativos, em sistemas voluntariados, assumir compromissos além de sua atribuição, correr riscos, empreender em idéias novas.

Dicas

- Esteja sempre aberto a ouvir idéias novas, por mais estranhas que possam parecer à princípio. Isso sempre pode alimentar sua própria capacidade de ter idéias novas.
- Freqüente ambientes diferentes, programe viagens e encontre pessoas, para ampliar sua rede de contatos e sua visão do mundo.
- Tenha sempre papel à mão para anotar idéias e se proponha a ter no mínimo 05 idéias novas por dia. Isso o obriga a ampliar sua percepção da realidade e aumenta sua criatividade.
- Exercite sua liderança dentro e fora da organização, habitue-se a assumir compromisso com o desenvolvimento das pessoas. Essa é a melhor maneira de desenvolver a si mesmo.

A visão estratégica é o único meio possível de transformar os sonhos em atos concretos e possíveis. É a certeza de que poderemos chegar ao lugar onde queremos, buscando:

- metas claramente traçadas;
- formas de obter cada uma de nossas metas, graças a um planejamento rigoroso, porém não necessariamente rígido;
- prazos que nos damos;
- estabelecimento de prioridades, ou seja, não nos permitirmos distrações ao longo de nosso caminho, que nos afastem de nossos objetivos.

Ter visão estratégica é muito mais do que idealizar, é se dar a oportunidade de obter, não por meios mágicos, mas sim através de nosso esforço, disciplina e atenção. A visão estratégica é necessária para comprar um carro, concluir um curso, focar em determinada carreira, etc.

Obstáculos existirão, mudanças de rumo em função de acontecimentos externos, com certeza fazem parte do processo, já que a vida não é totalmente planejada. Porém, esta é uma excelente forma de não ficarmos apenas ao bel prazer das influências externas, acreditando erroneamente que jamais poderemos mudar o fluxo dos acontecimentos. Torna cada um de nós parte de um processo, criadores de nossa própria vida.

Referências

MAGALHÃES, Dulce. **Visão estratégica**. Disponível no site www.empregos.com.br/index.asp
SILVA, Adriano. **E agora, o que é que eu faço?** São Paulo: Alegro, 2002.